

1932

CLINEU
BRAGA DE
MAGALHÃES

DIÁRIO
DE
CAMPANHA

EDIÇÃO DIGITAL
REMEMORATIVA DO
MOVIMENTO
CONSTITUCIONALISTA
DE SÃO PAULO



- 2016 -

Uma iniciativa de preservação, valorização e difusão da memória da Epopeia de 32 do **Portal Paulistas de Itapetininga** em parceria com a Faculdade de Tecnologia (Fatec) Itapetininga e com o Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP



Fatec
Itapetininga

Prof. Antonio Belizandro Barbosa Rezende



os quais agradecem e parabenizam os familiares de **Clineu Braga de Magalhães** (in memoriam) pela permissão concedida para a publicação, na íntegra e sem fins lucrativos, desta presente edição digital e rememorativa de **1932 Diário de Campanha** (Regional, 2016) no ciberespaço: Mayra Magalhães Pugliesi, Anahi Magalhães Bayma de Carvalho, Gilda Magalhães Palhares de Campos, Paulo Marcos Braga de Magalhães, Regina Maria Leme Lopes de Carvalho, Maria Celina Magalhães Leme Lopes, José Leme Lopes Filho, Renato Luís Leme Lopes, Ricardo Gomes Braga de Magalhães, Eduardo Gomes Braga de Magalhães, João Paulo Campos Blum Barros e Guilherme Bayma de Carvalho Fonseca.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Magalhães, Clineu Braga de, 1911-1932
1932 Diário de Campanha [livro eletrônico] :
Edição Digital Rememorativa do Movimento
Constitucionalista de São Paulo / Clineu Braga de
Magalhães ; Organização Anahi Magalhães Bayma de
Carvalho...[et al.]. -- 1. ed. -- Itapetininga, SP :
Gráfica Regional, 2024.
PDF

Outros organizadores: Gilda Magalhães Palhares de
Campos, Mayra Magalhães Pugliesi, Paulo Marcos Braga
de Magalhães, Jefferson Biajone.

Bibliografia.

ISBN 978-85-65703-71-0

1. Brasil - História - Revolução
Constitucionalista, 1932 2. Diários I. Carvalho,
Anahi Magalhães Bayma de. II. Campos, Gilda Magalhães
Palhares de. III. Pugliesi, Mayra Magalhães.
IV. Magalhães, Paulo Marcos Braga de.
V. Biajone, Jefferson.

24-239647

CDD-981.0621

Índices para catálogo sistemático:

1. Revolução Constitucionalista : Brasil : História
981.0621

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Sumário

	Página
1932 Diário de Campanha (1960)	
Edição Impressa do Movimento Constitucionalista de São Paulo	
Prefácio	07
1932 Diário de Campanha (2016)	
Edição Digital Rememorativa do Movimento Constitucionalista de São Paulo	
1ª Nota de Introdução	09
2ª Nota de Introdução	10
Prefaciadores Convidados	
Coronel PM Mário Fonseca Ventura	23
Genealogista Afrânio Franco de Oliveira Mello	24
Historiador Rodrigo Gutenberg	26
Pesquisador Tiago Rodrigues Peggau e Silva	28
Registros do mês de Julho de 1932	
Registros de nº. 1 a 22	30
Registros do mês de Agosto de 1932	
Registros de nº. 23 a 46	43
Registros do mês de Setembro de 1932	
Registros de nº. 47 a 54	60
Nota da Comissão Editorial de 1932 Diário de Campanha (1960)	68
Nota da Comissão Editorial de 1932 Diário de Campanha (2016)	69
Efetivo do Batalhão 14 de Julho	70
Referências	77





Voluntário Clineu Braga de Magalhães

Alegoria Paulista por José Wash Rodrigues

Fonte: Acervo Ricardo Della Rosa



CLINEU BRAGA DE MAGALHÃES

Nascido em Taquaritinga/SP, a 22 de Agosto de 1911 e falecido no Combate do Cerrado, a 18 de Setembro de 1932. Sepultado em Capão Bonito/SP, seus restos mortais foram trasladados para o Cemitério São Paulo, na Capital, a 10 de Outubro de 1932. Filho de Renato Álvares de Magalhães e Anália Braga de Magalhães. Cabo n.º 22 da 2ª Esquadra do 2º Pelotão da 2ª Companhia do Batalhão 14 de Julho. Em 1932, cursava o terceiro ano de Engenharia Civil da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), curso no qual demonstrou grande dedicação, capacidade de grandes realizações e habilidade de captar amizades e simpatias sinceras, posteriormente demonstradas nas repetidas homenagens que sua memória foi alvo. Em 17 de Setembro de 2016 foi agraciado *post mortem* com a Medalha Constitucionalista da Sociedade Veteranos de 32-MMDC pelos relevantes serviços prestados na luta pela Constituição, pela Liberdade e pela Democracia na Revolução de 1932.



MEDALHA CONSTITUCIONALISTA

Oficializada pelo Decreto N.º 29.896 de 10 de Maio de 1989 do
Governo do Estado de São Paulo



Clineu Braga de Magalhães nasceu em Taquaritinga, a 22 de agosto de 1911, filho de Renato Alvares de Magalhães e Anália Braga de Magalhães. Cursava, em 1932, o terceiro ano de Engenharia Civil da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), quando, com a deflagração do maior movimento cívico do Estado de São Paulo, a 9 de julho daquele ano, ele se voluntariou para integrar o Batalhão Universitário Paulista (B.U.P), em 12 de Julho, sendo alistado sob o número 22, na graduação de Cabo e integrado à 2ª Companhia do referido batalhão.

Dois dias depois, a 14 de Julho de 1932, o B.U.P., seguiu destino para o Setor Sul do Estado de São Paulo, tendo nessa movimentação sido denominado de Batalhão 14 de Julho, o lendário pugilo da fina flor universitária que naquele setor tomou parte nos combates de Itararé (15 a 18 de julho), Bury (25 e 26 de julho), Guapiara (3 a 12 de agosto), Morro do Alemão (22 de agosto), Apiaí Mirim (26 de agosto), Apiai Mirim (26 de agosto), Fundão (1 de setembro), Cerrado (15 a 19 de setembro) e Taquaral Abaixo (30 de setembro a 4 de outubro), sendo que no penúltimo, a 17 de setembro, Clineu veio a falecer de armas nas mãos em defesa dos ideais da Constituição nas trincheiras do Cerrado, região de Capão Bonito, SP.

Seu corpo foi sepultado no Cemitério de Capão Bonito, sendo a posteriori transladado para o Cemitério São Paulo, na capital, onde atualmente se encontra. Em 1960, seus ex-colegas de turma do curso de Engenharia Civil da Faculdade Politécnica trouxeram a lume seu diário de campanha, no qual Clineu relatou sua participação na revolução desde o alistamento até um dia antes de seu falecimento em combate.

Em face dos relevantes serviços prestados à causa da Revolução de 1932, dos quais resultou, inclusive, no sacrifício de sua própria vida, o Portal Paulistas de Itapetininga, se sente honrado em propor a indicação de **Clineu Braga de Magalhães** (in memoriam), voluntário cabo do Batalhão 14 de Julho do Exército Constitucionalista do Setor Sul, para que seja agraciado *post mortem* com a **Medalha Constitucionalista**, honraria da Sociedade Veterano de 32-MMDC oficializada pelo Decreto N.º 29.896, de 10 de Maio de 1989, do Governo do Estado de São Paulo.

Prefácio da 1ª Edição de 1932 Diário de Campanha (1960) do Movimento Constitucionalista de São Paulo

Comemora este ano jubileu de sua formatura a turma de 1935 da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Por esse motivo resolveu homenagear o colega Clineu Braga de Magalhães falecido na Revolução de 1932, publicando seu diário de campanha.

Outro colega falecido também, foi homenageado pela turma de 35 pela instituição do Prêmio anual José Saboya.

Optamos agora pela publicação do “Diário”, achando que o mesmo servirá para perpetuar a lição de civismo que os Politécnicos ajudaram São Paulo a escrever em 1932.

Incumbiram-me na publicação.

Imitando João Mohamas: “Fiz questão de não mudar absolutamente nada. Não cortei, não emendei, não modifiquei. Conservei o manuscrito com a beleza do original, com nota do autor. Mesmo nas páginas mais cruas, não toquei, pois até nessa crueza, e sobretudo nelas, meu irmão mostrava a sua qualidade mestra: “a simplicidade.”

Assim teremos sem retoques o auto retrato de Clineu.

Quanto a Clineu, escreveu no seu Diário, cursávamos o segundo ano na politécnica. São Paulo inteiro se levantou. Não aceitava vergar a cabeça se não a força do Direito.

De armas nas mãos! Pobres Armas...

Em todas as fronteiras os filhos de sua carne formavam barreiras de ideal contra as máquinas de guerra.

São Paulo inteiro se mobilizou. São Paulo da decência, da dignidade, do amor ilimitado a causa pública. São Paulo do sacrifício, da renúncia. São Paulo das escolas.

Da Politécnica então de salas vazias. Professores e alunos juntos ajudavam a escrever a Epopeia.

Em todos os campos, em todos os setores. Muitos não voltaram.

Quando se sente bater
No peito heroica pancada
Deixa a folha dobrada
Enquanto se vai morrer.

A Politécnica também ofereceu um aluno a Causa.

O eleito para encarnar o movimento em toda a sua beleza.

E Clineu foi escolhido pela providência. Jovem, inteligente, aliado de sólidos conhecimentos, sensibilidade de artista.

Vítima digna do sacrifício.

Por isso seus companheiros de turma, para que se perpetue o feito, publicaram o “Diário” de quem, nos campos do Sul, ofereceu a Vida pela Pátria.

Diário que serviu para identificar o corpo.

Que o sangue manchou.

Meio apagado pelas lágrimas de seus Pais.

Nele vivem as emoções do artista que era Clineu.

Nele palpitam seu arrobo de amor por São Paulo, que com igual intensidade amamos.

* * *

Ajudou a decifrar as folhas apagadas o secretário da escola Politécnica, senhor Moura a quem agradecemos pela dedicação ao Diário.

São Paulo, Natal de 1960.

Guilherme de Amaral Lira (G.A.L.)

1ª Nota de Introdução a 1932 Diário de Campanha (2016)

Edição Digital Rememorativa do Movimento Constitucionalista de São Paulo

Paulo Marcos Braga de Magalhães (*)

Sinto-me honrado em poder escrever o prefácio, desta nova edição do Diário de Campanha do Movimento Constitucionalista de São Paulo de meu tio Clineu Braga de Magalhães.

Quando criança e jovem ouvia meu pai, que era médico, Prof. Dr. Paulo Braga de Magalhães, contar as passagens da história da vida de tio Clineu e dos familiares.

Com sua morte, meus avós, meu pai e minhas tias sofreram muito, mas com orgulho de seu patriotismo. Pude também ler o “Diário” e me comovi com seus relatos.

Tio Clineu, sempre foi lembrado pela família e amigos como um jovem inteligente, com dotes artísticos de temperamento dócil e alegre, um entusiasta da vida. Tinha grande dedicação e aplicação em seus estudos, principalmente na sua fase universitária, no curso de Engenharia Civil da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Aos 21 anos de idade, alistou-se voluntariamente ao lendário Batalhão 14 de Julho dos universitários paulistas, foi um dos componentes do grupo histórico. Acreditando na defesa dos mais altos ideais da Constituição: “Liberdade e Democracia”, durante o maior movimento cívico da História do Estado de São Paulo, a Revolução Constitucionalista de 1932, tombou com amor a terra Paulista e pela Pátria.

Clineu Braga de Magalhães é um exemplo que engrandece e dignifica à todos os seus familiares.

(*) Sobrinho de Clineu Braga de Magalhães e representante de seus familiares.

2ª Nota de Introdução a 1932 Diário de Campanha (2016)

Edição Digital Rememorativa do Movimento Constitucionalista de São Paulo

Jefferson Biajone (*)

Por ocasião das comemorações dos oitenta e três anos de Revolução Constitucionalista de 1932 em 2015, tivemos a grata oportunidade de integrar um pequeno grupo que faria um passeio de visita no mês de Julho daquele ano partindo de Itapetininga, município sito a 171 km da capital de São Paulo, com destino a Campina do Monte Alegre, Buri e Capão Bonito, municípios da região sul deste estado conhecidos por terem abrigado campos de combate durante aquele conflito.

Em meio a pesquisadores e entusiastas da revolução de 32 reunidos em Itapetininga para o passeio, tive por meio dele o ensejo de presenciar *in loco* a memória remanescente dos últimos oitenta anos da ação inexorável do tempo sobre esses campos e as personalidades históricas que neles combateram.

Com início em Campina do Monte Alegre (56 km de Itapetininga e 225 km da Capital), estivemos na área central deste município visitando o monumento da Aviação Constitucionalista Gaviões de Penacho, contendo uma placa que lista nominalmente todos os pilotos e pessoal de apoio que integrou essa brava arma aérea dos paulistas durante a revolução. Logo ao lado desta placa, há uma réplica de um avião constitucionalista.



Foto. Monumento ao Soldado de 32, réplica do Avião Constitucionalista e placa do Monumento Gaviões de Penacho existentes em Campina do Monte Alegre/SP

Fonte. Portal Paulistas de Itapetininga (2015).

Já a poucos metros adiante, outro monumento, este possuindo uma estátua de soldado de 32, cujo pedestal tem placa afixada listando nomes de unidades constitucionalistas que combateram por São Paulo nos limites da extensão territorial daquele município. Nessa placa lemos que a praça que contém ambos os monumentos e a réplica do avião se chama "Campina de Heróis".

Dessa praça repleta de homenagens às asas e glórias por São Paulo, seguimos para o bairro da estação Engenheiro Hermillo. Lá nosso guia nos informa que tropas paulistas estiveram acantonadas no prédio dessa antiga estação ferroviária da Sorocaba e que, entre os meses de julho a setembro de 1932, ininterrupto era o trânsito de trens trazendo efetivos, munição e mantimentos diversos.



Foto. Sede da Estação Ferroviária Engenheiro Hermillo em Campina do Monte Alegre
Fonte. Portal Paulistas de Itapetininga (2015).

Desta estação, nossa viagem seguiu destino para um sítio conhecido na região por alojar casarão abandonado que serviu de enfermaria na revolução.

Com efeito, pelo aspecto do casarão, bem poucos indícios havia que tivesse ela servido para esse propósito, não fosse pelo o que disse o nosso guia ao relatar casos de moradores locais sobre o local estar abarrotado de feridos, alguns destes vacilando entre a vida e morte aguardando caminhão para serem levados ao hospital de sangue em Itapetininga.



Foto. Casarão abandonado que serviu de enfermaria na revolução próximo à Estação Ferroviária Ligiana. **Fonte.** Portal Paulistas de Itapetininga (2015).

Um destes que nessa enfermaria foi socorrido às pressas e que a morte prematuramente ceifou no hospital de sangue de Itapetininga dois dias depois foi o jovem mecânico Gustavo Borges Junior que em 31 de agosto de 1932 foi atingido no peito por quatro estilhaços de granada lançada por aviação inimiga quando defendia ombro a ombro com seus companheiros a ponte da Ligiana.

A ponte da Ligiana leva esse nome por estar a pouco mais de 100 metros da estação ferroviária da Ligiana e esta a quilômetro e meio da enfermaria. Ligiana, assim como Engenheiro Hermillo, serviu de aquartelamento de unidades do Exército Constitucionalista sendo que a ponte que leva o seu nome foi dinamitada pelos paulistas em setembro de 1932 na tentativa de impedir o avanço das forças adversárias por aquele caminho.

Sua reconstrução, contudo, se deu logo após a revolução e hoje permanece no mais absoluto silêncio da mata ciliar que afaga com a sua calma vegetação as margens do fecundo rio Paranapanema.



Foto. Ponte da Estação Ferroviária Ligiana que cruza o Rio Paranapanema em 1932

Fonte. Portal Paulistas de Itapetininga (2015).

Entrementes, na incursão que realizamos pelo mato ao derredor da linha do trem e defronte a ponte da Ligiana, encontramos variados entrincheiramentos ainda perceptíveis, algo que trouxe a alguns presentes do grupo, inclusive, de incidir naquelas terras vermelhas detector de metal para se encontrar algum possível artefato de guerra. Não obstante, o fortíssimo sol do horário do meio dia em que nos encontrávamos naquele instante da visita não foi forte o bastante para afastar de nós as miríades de pernilongos que nos apossavam insistentemente a medida que íamos mais a fundo no mato buscando seguir a extensão das linhas de trincheiras, uma situação desconfortável que sem dúvida nos propiciou uma pálida ideia da enormidade de sacrifícios que as tropas paulistas ali estacionadas vivenciaram dias e noites seguidos.



Foto. Estação Ferroviária Aracassú em 1932

Fonte. Acervo Paulo Sérgio Santanna/Ricardo Della Rosa e Portal Paulistas de Itapetininga (2015)

Outrossim, de Campina do Monte Alegre seguimos para o bairro de Aracassú (8 km da Estação Ligiana) onde visitamos nova estação de trem que leva o mesmo nome do bairro e que durante a revolução igualmente serviu para quartel as forças constitucionalistas.

O deplorável estado físico em que encontramos a estação, toda de madeira e com a porção frontal do telhado caído, não nos impossibilitou de voltarmos no tempo com a nossa imaginação e visualizar ali os trens chegando e partindo, desembarcando na gare da estação centenas de soldados, na sua maioria jovens voluntários sem experiência militar alguma, mas todos ansiosos pelo batismo que fogo que muito em breve haveriam de ter.

De Aracassú prosseguimos em direção a Buri (35 km de Campina e 267 km da Capital), outro histórico município da epopeia de 1932, este particularmente conhecido pelo combate de 26 de agosto daquele ano para o qual o Exército Constitucionalista do Setor Sul, comandado pelo coronel Brazílio Taborda, fez a sua primeira operação ofensiva, ao ter reunido em Buri o grosso de seus batalhões de voluntários e de militares da Força Pública de São Paulo e do Exército Brasileiro, incluindo o trem blindado de nº 1 que nesse combate fez a sua primeira e mortífera incursão nas linhas inimigas junto à estação ferroviária Rondinha (14 km de Buri).



Foto. Monumento ao Aluno Oficial PM Ruytemberg Rocha (à esquerda) e Placa do Monumento da Praça 9 de Julho (à direita), ambos no município de Buri/SP

Fonte. Portal Paulistas de Itapetininga (2015).

Assim sendo, iniciamos a visita pela estação ferroviária de Buri, esta defronte aos monumentos do Soldado Constitucionalista do Setor Sul e do capitão Ruytemberg Rocha, cadete da Força Pública de São Paulo falecido no combate ali ocorrido em 26 de agosto. Da praça que contem esses dois monumentos, seguimos para a Praça 9 de Julho, onde outro monumento em memória de 32 nos aguardava.

Posteriormente, visitamos o rio Apiaí-Mirim, cujas margens foram palco de duríssimos combates e bombardeios de artilharia e aviação adversárias. Em todos os locais que visitamos em Buri, pudemos perceber o quanto a história da revolução se confundia com a própria história do município, porquanto até mesmo em seu brasão isso se fazia patente com a presença da figura de dois soldados constitucionalistas amparados pela legenda *in pace fidelis fidelíssima in bellum*.

De Buri, seguimos até o município de Capão Bonito (37 km de Buri e 231 km da Capital). No caminho para essa localidade, visitamos a Floresta Nacional de Capão Bonito (Flona), órgão federal do Ministério do Meio Ambiente que tem em seu extenso território florestal um monumento construído em 1952 no formato de uma pirâmide e dotado de duas placas em homenagem ao sargento Octávio Seppi, integrante do Batalhão 14 de Julho ali falecido em combate na data de 26 de agosto de 1932.



Foto. Monumento ao sargento Octávio Seppi na Floresta Nacional de Capão Bonito

Fonte. Floresta Nacional de Capão Bonito e Portal Paulistas de Itapetininga (2015).

Da Flona, palco de combates do Morro do Alemão e do Fundão ocorridos nos meses de agosto e setembro de 1932, seguimos para uma região de sítios e fazendas existente em Capão Bonito conhecida por ter sido nela onde ocorreu o combate do Cerrado nas jornadas de 16 a 19 de setembro daquele ano.

Nesta região que é de expressiva altitude, avistamos até a linha do horizonte uma sucessão de morros em ondulação nos quais se manifestam casas de fazenda, plantações, sítios, propriedades diversas e muita mata virgem a perder de vista.

O lendário rio das Almas, palco de renhidos combates que tingiram de vermelho sangue suas águas, não muito distante de onde estamos cruza toda a extensão do terreno indo se encontrar com o rio Paranapanema que outrora vislumbramos na Ligiana.



Foto. Trincheira remanescente do combate do Cerrado (esquerda) e pinheiro centenário (direita)

Fonte. Portal Paulistas de Itapetininga (2015).

Alguns poucos pinheiros de Araucária remanescentes de uma floresta deles que outrora aqui existiu pontuam a pacífica visão que nos foi ensejada, mas que em absoluto não foi a mesma que as tropas defensoras do local tiveram há oitenta anos passados.

Com efeito, das ondulações do relevo abaixo, é possível ser ter alguma ideia da visão que os combatentes paulistas de outrora constataram ao contemplar do abrigo de suas trincheiras ondas e mais ondas de forças adversárias atacantes morro acima.

Do que sobraram dessas trincheiras, nosso guia nos apontou existir apenas duas. Uma visível na sua linha, mas soterrada por terra e entulho, ao pé de um pinheiro de araucária quase centenário e completamente desfolhado. Já outra há menos de cinquenta metros dessa primeira, visivelmente delineada apesar de estar parcialmente soterrada. As demais trincheiras que existiram, disse-nos o guia que cederam lugar às culturas de milho e feijão abundantes com o solo fértil da região.

Não obstante, dessa última trincheira em particular nos foi possível divisar todo o teatro de operações do combate do Cerrado a frente por quilômetros num amplo ângulo de defesa. Desse ponto, tentamos imaginar como teriam sido os lances de bravura que os soldados constitucionalistas ali fixados realizaram ao defender aquele torrão paulista com o fuzil, com a granada e, no último recurso, com a baioneta frente a um adversário em efetivo, armamento e munição em muito majorado, além de estarem sob intenso e ininterrupto bombardeio advindo tanto da artilharia de posição, quanto da aviação inimiga.

Quanto aos defensores dessas trincheiras, o guia nos informou que naquela e nas demais estiveram presentes integrantes do Batalhão 14 de Julho, este composto na sua maioria por estudantes universitários e profissionais liberais, que organizado em São Paulo sob a denominação de Batalhão Universitário Paulista, partiu dessa cidade em 14 de julho de 1932 com destino a Itapetininga para integrar o Exército Constitucionalista do Setor Sul neste município sediado.



Foto. Monumento existente na praça central do Bairro Taquaral Abaixo

Fonte. Portal Paulistas de Itapetininga (2015).

Esta unidade de voluntários participou dos principais combates da revolução ocorrido no referido setor, tendo sido inclusive o último batalhão a depor as armas com o armistício ocorrido em 2 de outubro daquele ano, porquanto nessa data se encontravam seus integrantes em Taquaral Abaixo, a defender a última trincheira do Setor Sul neste que atualmente é bairro de Capão Bonito, cuja praça principal possui monumento comprobatório dessa honrosa condição e que o nosso passeio de visitaçoão naquele dia nos ensejou também a grata oportunidade de conhecer.

Questionado por um dos integrantes do grupo sobre o real número de baixas ocorrido no Setor Sul, nosso guia não soube precisar ao certo em função da falta de informações acertadas, mas relatou ele que durante o combate do Cerrado o Batalhão 14 de Julho teve o seu maior número de mortos durante toda a revolução, citando inclusive o falecimento em combate de alguns de seus integrantes mais conhecidos, alunos que foram da faculdade do Largo de São Francisco, da Politécnica e também do então Mackenzie College, a exemplo dos voluntários soldado Cesar Penna Ramos, soldado Argemiro Alves Silvestre, soldado Lauro de Barros Penteado e o cabo Clineu Braga de Magalhães.

Os soldados Cesar Penna e Argemiro tombaram de armas na mão atingidos que foram por disparos de fuzil e metralhadora pesada, entre estilhaços de granada de mão, de artilharia e de aviação que não os pouparam de múltiplos ferimentos.

Do soldado Lauro de Barros Penteado, conhecida é o fato de que seus últimos momentos foram no parapeito de sua trincheira quando alvejado foi em um dos olhos por disparo de metralhadora inimiga, justamente no exato momento em que ia lançar uma granada em direção aos contrários, tombando com o braço direito estendido e com a mesma granada na mão, como que a apontar o caminho e a incitar os seus companheiros defensores a continuarem firmes no aceso da luta.

Do cabo Clineu Braga de Magalhães, fomos informados que esse bravo combatente resistiu o quanto pode no seio de sua trincheira, já cercada pelos quatro cantos por tropas adversárias que afluíam para tomá-la a todo custo.

Do fuzil que trazia às mãos e do revólver que trazia no coldre, Clineu disparou até o último cartucho. Uma vez ambos inúteis para se fazer fogo, partiu ele para as granadas de mão, sendo que uma vez também esgotadas, não lhe restou outra alternativa senão calar o aço frio da baioneta no cano do mosquetão ainda fumegante e, à arma branca, defender o torrão paulista que lhe coube no derradeiro momento de sua vida perante a tremenda onda de atacantes que já invadia a trincheira.

No choque inevitável, tombou Clineu alvejado que foi no coração, o mesmo que instantes antes batia alucinadamente no estertor da luta pela sobrevivência, tendo bem próximo de si, no bolso interno da túnica cáqui da farda, um caderno amassado e sujo de terra, suor e lágrimas que por sessenta e nove dias fora seu diário de campanha da participação que teve na revolução constitucionalista até o dia de sua morte em combate, a saber, 17 de setembro de 1932.

Estes e outros empolgantes acontecimentos relatados pelo nosso guia ao pé de uma das duas últimas trincheiras existentes no Cerrado em muito particularmente me tocaram e motivaram-me a conhecer mais sobre o Batalhão 14 de Julho e seus heroicos integrantes.

Pelo fato de ser professor e entusiasta da epopeia histórica de 32, a existência dessa unidade voluntária de escol composta por estudantes de escolas superiores chamou-me a atenção para buscar saber mais a respeito do que se tratava e não muito depois deste passeio, tive a oportunidade de ler os livros **Batalhão 14 de**

Julho (1982), de autoria de um ex-integrante seu, o veterano Augusto de Souza Queiroz e **A Epopeia: batalhão 14 de Julho** (1933) do também ex-integrante e veterano Áureo de Almeida Camargo.

Além dessas duas obras, puder ler também a menção que se encontra sobre cada um dos voluntários desse batalhão mortos no combate do Cerrado na obra reconhecidamente máxima da revolução constitucionalista de 1932, o livro **Cruzes Paulistas** (1936).

Não obstante, foi apenas quando tive acesso ao diário de campanha do voluntário Clineu Braga de Magalhães que pude efetivamente aquilatar o valor do sacrifício que o idealismo dele e de seus jovens companheiros nos combates do setor sul do Estado de São Paulo teve para a aspiração maior da época que era a constitucionalização do Brasil em uma de suas quadras históricas mais decisivas.

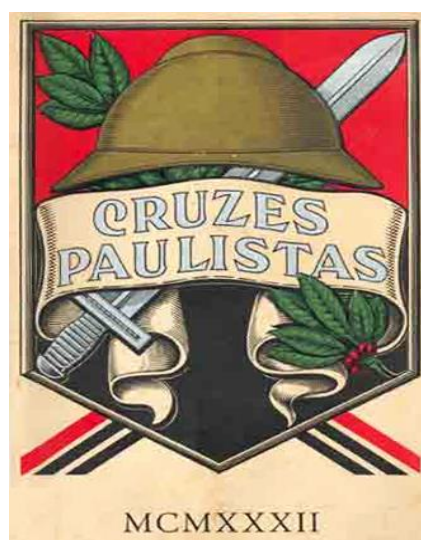
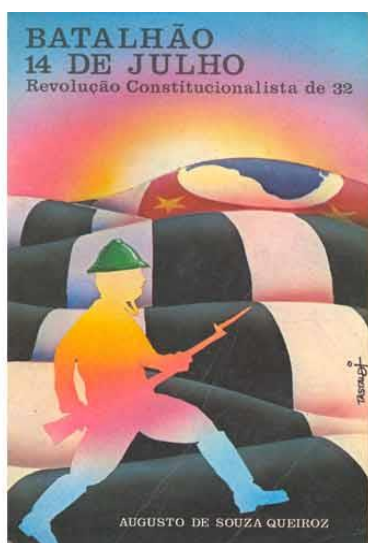


Foto. Capas das obras Batalhão 14 de Julho e Cruzes Paulistas (vide QR Code)

Fonte. Portal Paulistas de Itapetininga (2015)

De fato, este precioso documento nos seus relatos diariamente escritos por Clineu no calor dos combates tornou manifesta para mim a dura realidade de uma revolução, nas suas agruras e glórias, marchas e contramarchas, coragem e covardia, desprendimento e mesquinhez, altivez e estreiteza de caráter, tudo no linguajar simples e sucinto que é característico da juventude dos vinte anos, a qual, se por vezes não mede palavras, fala sobretudo com a sinceridade do coração.

Seu diário, contudo, não me chegou ao conhecimento nos seus originais, mas sim pela merecida publicação que estes sofreram em 1960 por iniciativa de colegas de turma de Clineu quando das comemorações do jubileu de vinte e cinco anos de formatura de sua turma de engenheiros civis pela Politécnica em 1935.

Intitulado de **1932: Diário de Campanha do Movimento Constitucionalista de São Paulo** (1960) tive este livro em mãos em fins de 2015, adquirido que foi de uma compra online de uma loja de livros usados.

Quando o recebi, não pude conter a euforia e o li numa tomada só, indagando-me, ao final da leitura, se em face da raridade que um testemunho histórico-biográfico como esse assume a cada década que passa, não seria o caso de se seguir o exemplo dos colegas de turma de Clineu e propor o lançamento de uma nova edição desse diário, esta 100% digital, de amplo, gratuito e irrestrito acesso, o

que possibilitaria uma longevidade dilatada a reconhecida perenidade literária da obra e, em especial, as gerações presentes e futuras do século XXI.

Imbuído desse desiderato, entrei em pronto contato com o historiador e professor Rodrigo Gutenberg que residente em São Paulo capital, poderia com mais facilidade investigar a localização dos familiares de Clineu Braga de Magalhães porquanto supus que também residiriam ainda na capital.

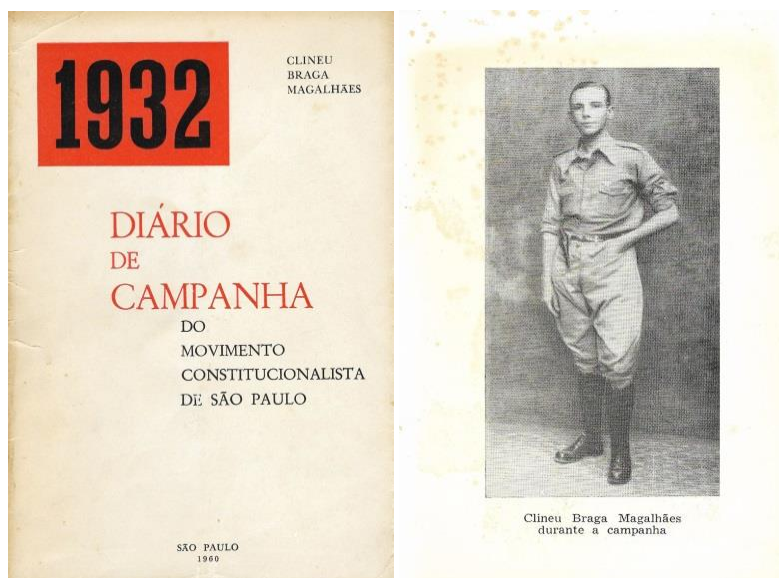


Foto. Capa da edição do Diário de Campanha (1960) e foto de Clineu ilustrativa da obra
Fonte. Portal Paulistas de Itapetininga (2015).

Sabedor de que o corpo de Clineu havia sido enterrado nas proximidades da trincheira que morreu de armas na mão no Cerrado e que em outubro de 1932 seus restos mortais foram trasladados para a capital e jazem desde então no túmulo da família no Cemitério São Paulo, sugeri ao amigo Rodrigo que fosse ao cemitério e buscasse informações sobre quem seria responsável pela manutenção do túmulo. E foi o que de fato ocorreu no mês de maio de 2016, porquanto teve Rodrigo por esse modo acesso ao contato telefônico de D. Anahi Magalhães Bayma de Carvalho, sobrinha de Clineu, esta residente na capital.

Da D. Anahi que em contato posteriormente entrei por e-mail, pude a ela relatar a intenção de lançar nova edição do diário de campanha de seu tio nas condições supramencionadas, sem ônus algum para os envolvidos e com o acréscimo de se poder afixar no túmulo de Clineu uma pequena placa de PVC contendo um QR Code que possibilitaria ao visitante do túmulo realizar o download da edição revista e ampliada do diário de Clineu na sua íntegra no formato PDF.

A ideia de se empregar a tecnologia QR Code, muito difundida nos meios midiáticos do atual século, faz parte de um projeto de iniciação científica de alunos do curso superior de tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas da Faculdade de Tecnologia (Fatec) de Itapetininga denominado Morada de Heróis, o mesmo projeto que tem sido possível tornar conhecida a história de vida de ex-combatentes das revoluções de 1924, 1930, 1932 e Segunda Guerra Mundial com a afixação de pequenas placas de PVC contendo QR Codes em túmulos dessas personalidades, cuja leitura por dispositivos móveis possibilita fácil acesso e ampla divulgação desses conteúdos biográficos via rede mundial de computadores.

Para a completa digitalização tanto da edição de 1960 do Diário de Campanha, quanto de seus originais, assim como a produção do QR Code, pude contar com o imprescindível apoio de Sérgio Augusto Peiretti, Thais de Souza Lopes e Luiz Eduardo de Oliveira Calderan, três iniciandos científicos do projeto Morada de Heróis e acadêmicos do curso superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas da Fatec de Itapetininga.

De fato, Sérgio Peiretti, por intermédio do sistema Visitare de sua autoria e desenvolvimento produziu o QR Code que dá acesso aos conteúdos do livro. Luiz Calderan se incumbiu de realizar a completa digitalização e conversão do conteúdo no formato docx. Já Thais Lopes realizou a revisão geral do texto, sua diagramação e conversão para o formato PDF. Quanto ao tratamento das imagens relativas aos originais e demais fotos presentes no texto, restou a nós esta empolgante tarefa.

Não obstante, a elaboração da nova edição 100% digital do Diário de Clineu não resultaria apenas no livro e na placa de QR Code, mas também na digitalização completa dos originais que lhe deram origem, os mesmos que manchados de sangue, suor e lágrimas encontram-se seguros com a D. Gilda Magalhães Palhares de Campos, irmã de D. Anahi e, portanto, outra sobrinha de Clineu, esta de Cotia.

Para esse relevante trabalho de digitalização, D. Gilda pode contar com os préstimos de seu neto, o jovem João Paulo Campos Blum Barros que com os trabalhos de escaneamento do diário de seu tio bisavô Clineu se pode deixar de se tornar outro entusiasta de 32.

Além disso, o trabalho de resgate do livro propiciou ao historiador Rodrigo Gutenberg ter acesso às cartas que foram escritas por Clineu aos seus pais e irmãos durante a revolução. Dentre estas que lhe foram gentilmente mostradas pelas irmãs D. Anahi e Gilda, figura uma de autoria do itapetiningano Fraterno de Mello Almada, escrita no ano de 1933 na qual ele relata o nascimento de novo filho, cujo nome Clineu de Mello Almada foi assim a ele concedido em memória ao Clineu falecido nas trincheiras de Capão Bonito.



Foto. O historiador Rodrigo Gutenberg ladeado por D. Anahi e D. Gilda. Cartas de Clineu.

Fonte. Rodrigo Gutenberg (2015)

Ao ser revelado o paradeiro dessa carta em Itapetininga no mês de julho de 2016, o genealogista senhor Afrânio Franco de Oliveira Mello nos informou que o Sr.

Fraterno era conhecido seu de longos anos, assim como seus filhos, os senhores Clineu de Mello Almada e Tercis de Mello Almada.

No entanto, Afrânio nos informou que tanto Fraterno quanto o filho Clineu já se encontram falecidos. Mas o irmão Tercis e a esposa de Clineu, D. Giselda Maria Thomitão de Mello Almada, encontram-se em Itapetininga e foram informados por Afrânio de que a carta enviada por Fraterno aos familiares de Clineu encontra-se com as sobrinhas deste na capital e que a iniciativa de trazer a lume nova edição do Diário de Campanha estava em franco andamento.

Mas as emoções e (re)encontros proporcionados pelo resgate do Diário de Campanha de Clineu não pararam por aí.

Com efeito, solicitei por intermédio de contato ao Sr. Cel PM Mário Fonseca Ventura, presidente da Sociedade Veteranos de 32-MMDC para que, no ano de 2016, fosse concedida a Medalha Constitucionalista, em grau *post mortem*, ao voluntário Clineu Braga de Magalhães, cabo de nº 22 da Segunda Companhia do Batalhão 14 de Julho, pelos relevantes serviços prestados, os quais resultaram, inclusive, no sacrifício de sua própria vida em combate no Setor Sul do Estado de São Paulo.

Esta significativa comenda, oficializada pelo Governo do Estado de São Paulo pelo decreto de nº 29.896 de 10 de maio de 1989, foi concedida a Clineu em solenidade toda especial ocorrida na manhã do sábado do dia 17 de setembro de 2016, defronte ao seu túmulo no Cemitério São Paulo e que, por ser póstuma, foi outorgada em seu nome para o seu sobrinho, o senhor Paulo Marcos Braga de Magalhães, que ao lado das irmãs D. Anahi, D. Gilda e também da irmã mais velha dos três, a D. Mayra Magalhães Pugliesi, entre amigos e familiares, prestigiaram a homenagem prestada ao tio pelo presidente da Sociedade Veteranos de 32-MMDC, o senhor coronel PM Mário Fonseca Ventura, outorgante da medalha.



Foto. Familiares de Clineu Braga de Magalhães durante a solenidade no Cemitério São Paulo.

Fonte. Antonio Carlos Aristides (2016).

Nesta mesma solenidade e em ato contínuo à concessão da honraria, o historiador Rodrigo Gutenberg realizou a afixação da pequena placa contendo o QR

Code no jazigo da família de Clineu que possibilita acesso ao Diário de Campanha nesta sua presente edição digital.

Em pesquisas realizadas por Rodrigo Gutenberg, inclusive, viemos a descobrimos que a sigla G.A.L. que aparece na página de nº 7 da edição de 1960 do Diário de Campanha trata-se do engenheiro Dr. Guilherme de Amaral Lira, colega da turma de Clineu e competantíssimo engenheiro civil que foi durante toda a vida profissional. Guilherme também foi professor e teve importantes obras de engenharia ligadas a seu nome, a citar o Hospital das Clínicas na capital, ao ter participado da equipe chefiada pelo eminente engenheiro Dr. Abraão Leite, ao lado do engenheiro Dr. Walfredo de Albuquerque Cavalcanti e do arquiteto Dr. João Serato.



Foto. Familiares do Dr. Clineu de Mello Almada no Cemitério Municipal de Itapetininga.

Fonte. José Trindade Xavier (2016).

Ademais, na mesma data em que se realizou essa solenidade em memória ao cabo Clineu Braga de Magalhães no Cemitério São Paulo na capital, realizamos no Cemitério Municipal de Itapetininga uma outra solenidade, esta em homenagem¹ à memória do Sr. Fraterno de Mello Almada e de seu filho Dr. Clineu de Mello Almada, concedendo ao primeiro a Medalha Constitucionalista *post mortem*, outro reconhecimento prestado pela Sociedade Veteranos de 32-MMDC e colocando no túmulo do segundo uma placa de QR Code que dá acesso a uma biografia sintética sua escrita pelo genealogista Afrânio Franco de Oliveira Mello e também à presente Edição Digital Rememorativa do Diário de Campanha de Clineu.

Outrossim, em termos de alterações, revisões e ampliações pelas quais a edição de 1960 foi submetida, a presente edição digital teve todo o seu texto revisto, as siglas militares abertas na sua totalidade e os registros diariamente realizados por Clineu numerados, ao lado das respectivas datas, servindo de cabeçalho par cada registro. Dessa numeração, conhecemos o total de registros realizados por Clineu a lápis em seu caderno diário de campanha que foi 54, ou seja, 54 dias de registro.

Não obstante, há um período entre 27 de agosto e 9 de setembro de 1932 que Clineu optou por não realizar registro algum no seu caderno diário, período esse que correspondeu ao de descanso das atividades de combate que o Batalhão 14 de

¹ Vide: https://youtu.be/_qTNWpnaU64.

Julho recebeu por recompensa do coronel Brásilio Taborda, comandante do Setor Sul que muito prezava o batalhão e sua juventude idealista integrante. Por fim, a presente edição digital contou também com a publicação de fotos de Clineu e de imagens de páginas de seu diário no original.



Foto. Túmulos de Clineu Braga de Magalhães (esq.) e do Dr. Clineu de Mello Almada (dir.) nos quais foram afixados os QR Codes em 17 de Setembro de 2016

Fonte. Antonio Carlos Aristides e José Trindade Xavier (2016).

Outrossim e a fim de completar esse resgate que julgamos ser por demais procedente realizar em face da presente conjuntura social em que vivemos, na qual exemplos de dignidade, honra, caráter, coragem, valor, altruísmo e idealismo como os da juventude constitucionalista de 32 são cada vez mais necessários a juventude de hoje, foram convidados prefaciadores de destaque para contribuir com a valorização dos escritos de Clineu Braga de Magalhães que consignam, no seu conjunto, um reconhecido e verdadeiro testemunho de civismo, desprendimento, patriotismo e cidadania.

Assim sendo, são cinco os prefaciadores convidados, cujos prefácios que elaboraram seguem na mesma ordem pela qual os apresento a seguir, os senhores Paulo Marcos Braga de Magalhães, representando a família do voluntário Clineu Braga de Magalhães; Coronel PM Mário Fonseca Ventura, presidente da Sociedade Veteranos de 32-MMDC; Genealogista Afrânio Franco de Oliveira Mello, em nome do Dr. Clineu de Mello Almada, seu pai Fraternal de Mello Almada e seu irmão Dr. Tercis de Mello Almada; professor e historiador Rodrigo Gutenberg e Tiago Rodrigues Peggau e Silva, entusiasta e pesquisador da Revolução de 1932

A guisa de conclusão desta nota de introdução, desejo é nosso que o leitor do século XXI possa ter a mesma empolgante experiência de leitura que o Diário de Campanha do voluntário Clineu Braga de Magalhães tem propiciado aos seus leitores desde a sua primeira publicação nos anos sessenta do século passado, porquanto como afirmou o magnífico Erasmo de Rotterdan (1466-1536) toda obra considerada um clássico não o foi pelos seus reconhecidos méritos, mas sim pelo número de gerações que impelidas por razões diversas a leem com expressivo fervor e acintosa lealdade.

(*) Professor. Presidente da Comissão Organizadora de **1932 Diário de Campanha: Edição Digital Rememorativa do Movimento Constitucionalista de São Paulo.**

Prefaciador Convidado de 1932 Diário de Campanha

Edição Digital Rememorativa do Movimento Constitucionalista de São Paulo

Mário Fonseca Ventura (*)

Nascido em Taquaritinga, São Paulo, em 22 de agosto de 1911, Clineu Braga de Magalhães, cabo número 22 do 2º pelotão da 2ª Companhia do Batalhão 14 de Julho, morreu em combate com um tiro no coração no dia 18 de setembro de 1932.

Tinha apenas 21 anos, jovem, como a maioria dos voluntários que partiram para as linhas de frente no Movimento Constitucionalista de 1932. Era aluno do terceiro ano de Engenharia Civil da Escola Politécnica.

No livro **Cruzes Paulistas** está registrado que demonstrou ser um artista nato, capaz de grandes realizações e de, também, captar amizades e simpatias sinceras, posteriormente demonstradas em repetidas homenagens de que sua memória foi alvo. Em seu diário de Campanha ele demonstra isso. Além de relatar os horrores da guerra, vai de um misto de incertezas, contradições, amarguras até a grandiosidade do movimento e seus atos de bravura. No dia 23 de agosto de 1932, completa vinte e um anos no ardor da batalha e a perda de seu primo Rubens "Uma granada havia explodido ao lado da trincheira dele e um estilhaço atingiu-o na cabeça, no momento em que o meu infeliz primo estava sem capacete".

Clineu escreve suas últimas linhas a 16 de setembro, quando o ataque inimigo era intenso: "Aviões, canhões, granadas, metralha, fuzilaria, homens correndo, deitando, atirando com a mesma intensidade de fita de cinema, um gasto enorme de munições e nós sem dar um tiro para evitar desperdícios...". E, no dia seguinte, perdia a vida com um tiro no coração. Demonstra ele bravura ímpar, como a muitos outros rapazes que participaram do movimento constitucionalista. Deram para nós uma lição de vida, de valores que não mais existem nos dias atuais.

No dia 23 de abril de 1910, Theodore Roosevelt pronunciou na Sorbonne, em PARIS, que o verdadeiro crédito vai para aquele que está na arena com o rosto sujo de poeira, suor e sangue, lutando com coragem.

O verdadeiro crédito vai para aquele que erra, falha, mas, aos poucos, vai acertando, porque não existe esforço sem erro. Ele conhece o grande entusiasmo, a grande devoção e está gastando sua energia em algo que vale a pena.

Este é o verdadeiro homem que, na melhor das hipóteses, vai conhecer a vitória e a conquista. E, na pior, cairá, mas, mesmo na queda, é grande, pois viveu com coragem e esteve acima das almas mesquinhas que jamais conheceram vitórias ou derrotas. O verdadeiro heroísmo consiste em persistir por mais um momento, quando tudo parece perdido. Brilhante a ideia do Professor Jefferson Biajone em homenagear Clineu Braga de Magalhães.

Meus sinceros parabéns pelo profícuo trabalho que essa sucursal e seus mais dedicados integrantes e colaboradores, em destaque os senhores Afrânio Franco de Oliveira Mello, Rodrigo Gutenberg e Tiago Rodrigues Peggau e Silva, têm encetado para manter acesa a chama do Ideal de 32 em nosso país.

(*) Coronel da Polícia Militar do Estado de São Paulo e Presidente da Sociedade Veteranos de 32-MMDC.

Prefaciador Convidado de 1932 Diário de Campanha

Edição Digital Rememorativa do Movimento Constitucionalista de São Paulo

Afrânio Franco de Oliveira Mello (*)

Em 26 de julho de 2016, recebi do professor Jefferson Biajone algumas fotos de documentos pertencentes aos familiares do cabo Clineu Braga de Magalhães, este falecido heroicamente no Combate do Cerrado, durante a Revolução Constitucionalista de 1932, em 17 de setembro daquele inesquecível ano.

Dentre as fotos lá vi uma carta endereçada ao senhor Renato Alves de Magalhães, pai do cabo Clineu, datada de 27 de novembro de 1933 e assinada por Fraterno.

De imediato, identifiquei a assinatura do senhor Fraterno de Mello Almada, o mesmo que eu costumeiramente ia ter ao Cartório do 1º Tabelionato e de Registro de Imóveis de Itapetininga, ao trazer Títulos de Crédito Rural para registro e ou baixa, porquanto nessa época eu era bancário do Banco Comércio e Indústria de São Paulo S/A.

Na imagem da carta em que reconheci a firma de Fraterno, havia a menção de que ele daria o nome de Clineu ao seu filho nascido em 21 de novembro de 1933, portanto, cinco dias antes da carta enviada, motivado pelas cristalinas qualidades de caráter e de sentimentos que havia identificado no jovem Clineu Braga de Magalhães, que havia conhecido recentemente e, como diz na carta, tão prematuramente roubado foi da convivência dos seus.

Bela homenagem prestada pelo senhor Fraterno de Mello Almada ao senhor Renato Álvares de Magalhães e à honra de seu filho falecido em combate.

Após essa identificação, entrei em contato com os familiares do senhor Fraterno em Itapetininga notificando-os sobre o encontro da carta, da publicação desses documentos e do Diário de Campanha do jovem Clineu em livro digital a ser lançado na data do que seria o seu 105º aniversário, ou seja, 22 de agosto de 2016.

Ao entrar em contato com o Dr. Tercis de Mello Almada, que a exemplo do pai senhor Fraterno, o sucedeu como Oficial do Cartório do 1º Tabelionato e de Registro de Imóveis de Itapetininga, comuniquei a ele as boas notícias da descoberta da carta em São Paulo e as providências que estavam sendo tomadas para publicação da presente edição digital. O Dr. Tercis prontificou-se a ajudar e, dois dias depois, sua cunhada, esposa do Dr. Clineu de Mello Almada, senhora D. Giselda Maria Thomitão de Mello Almada me ligou, conversamos, lembramos de fatos passados relacionados ao senhor seu pai e a coloquei a par das notícias. Ela também de imediato se posicionou em ajudar e no dia seguinte recebi uma mensagem contendo uma singela biografia do Dr. Clineu enviada pelo seu filho, advogado Dr. Renato de Mello Almada da qual retiramos as informações a seguir.

Clineu de Mello Almada nasceu na cidade de Itapetininga, São Paulo, aos 21 dias do mês de novembro do ano de 1933, filho do Senhor Fraterno de Mello Almada e de Dona Francisca Alves Almada. Casou-se com Giselda Maria Thomitão de Mello Almada em 1960. Dessa união, nasceram os filhos Clineu de Mello Almada Filho, Gisleine de Mello Almada, Gisele de Mello Almada e Renato de Mello Almada. São seus netos: Thiago, Lucas, Flávio, Juliana, Rafael e André.

Realizou os cursos primário e secundário no Instituto de Educação Peixoto Gomide em Itapetininga. Formou-se em Direito pela Universidade Federal do Paraná, tendo colado grau em 1957. Foi universitário brilhante, dedicado e estudioso, tendo logrado o primeiro lugar dentre os formados de sua turma do curso de Direito, entre outras premiações, além das dezenas de cursos de extensão universitária realizados sobre a cátedra de professores nacionais e estrangeiros.

Sua experiência profissional foi vasta. Iniciou-se como funcionário dos Cartórios do 1º Tabelionato e do Registro de Imóveis de Itapetininga. Foi estagiário do Ministério Público do Estado do Paraná de 1956 e 1957. Advogou em sua terra natal de 1958 a 1965. Foi também professor universitário,

Ingressou na Magistratura do Estado de São Paulo em 1965, aposentando-se em 1983. Exerceu a judicatura em diversas Comarcas, notadamente Piracicaba, Salto, Orlandia, Santos e São Paulo. Aposentado, exerceu variados cargos de confiança até voltar a exercer a advocacia. Fez parte da Maçonaria Paulista, sendo iniciado na Loja Estrela de Santos, a 25 de julho de 1980.

Foi conferencista em diversos cursos, autor profícuo de artigos jurídicos e ao longo da vida foi alvo de honrarias, bem como da diplomação de sócio benemérito de diversas instituições de assistência social.

Faleceu na cidade de Itapetininga em 7 de junho do ano de 2009. Deixou como legado aos seus familiares e amigos o que aprendeu desde cedo, ou seja, a importância do convívio entre as pessoas, do amor e da justiça. Atender a quem necessitasse, aproximar-se dos mais fragilizados, foram metas das quais nunca se descuidou. Agiu em todas as etapas de sua vida pessoal e profissional, na magistratura e na advocacia, de modo a defender a ética e a moralidade no mais abrangente de seus significados.

Assim temos os dois Heróis, o primeiro, como herói da Revolução Constitucionalista de 1932 do Setor Sul, o cabo Clineu Braga de Magalhães do lendário batalhão 14 de Julho que lutando heroicamente nas trincheiras do Cerrado em Capão Bonito, veio a falecer de armas na mão perante a ferocidade inimiga, defendendo a nossa Constituição que usurpada fora pelo regime ditatorial vigente.

E o outro, Clineu de Mello Almada que do primeiro recebeu o nome e que em vida soube honrá-lo, ao usar da honestidade, da humildade, da sinceridade e da integridade para distribuir a justiça com equidade, tratando a todos com respeito e carinho, não por uma obrigação, mas, sim, pelo berço de onde veio e, também, pela sua natural qualidade de homem do Bem e da Justiça. A esses Dois Heróis rendo as minhas mais efusivas homenagens.

(*) Genealogista, vice-presidente fundador do Portal Paulistas de Itapetininga. Membro do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga sendo um dos seus fundadores, titular da Cadeira nº 1, Patrono João Neto Caldeira.

Prefaciador Convidado de 1932 Diário de Campanha

Edição Digital Rememorativa do Movimento Constitucionalista de São Paulo

Rodrigo Gutenberg (*)

O dia 23 de maio de 1932, quando é lembrado, falam da morte dos quatro estudantes, Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo.

Mas há um equívoco ao afirmar que eram acadêmicos, pois, à época, nenhum dos quatro primeiros mártires do movimento constitucionalista eram estudantes. De fato, militares e voluntários participaram da Revolução pela “Causa Paulista” e uma Constituição.

Entre esses voluntários que partiram para a guerra, encontravam-se profissionais de diversas profissões, por exemplo, sapateiros, advogados, mecânicos, médicos, jornalistas, atletas, engenheiros, empresários, chauffeurs, condutores de bonde, eletricitistas, aposentados, professores e estudantes eram os mais comuns.

Contudo, foram exatamente os estudantes um dos grupos a mais fazer reivindicações e participar dos pacíficos comícios promovidos por diversas associações como a Associação Comercial de São Paulo, Centro das Indústrias de Malharia do Estado de São Paulo, Indústria de Madeiras de São Paulo, Sindicato dos Industriais e Comerciantes Gráficos de São Paulo, Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, Instituto da Ordem dos Advogados de São Paulo (futura OAB-SP), Grêmio Politécnico de São Paulo entre outras instituições que apoiaram o movimento constitucionalista, deixando ainda mais patente que o movimento constitucional era um legítimo apelo do povo contra a ditadura vigente e não somente um clamor das elites.

Com a eclosão do movimento constitucionalista, somente os Batalhões do Exército Brasileiro sediados em São Paulo e da Força Pública, atual Polícia Militar de nosso estado, não suportariam uma guerra por muito tempo, então os civis paulistas viam-se na responsabilidade de também lutar no campo de batalha pela Carta Magna. Para se organizar o alistamento de civis para a luta armada contra a ditadura, o MMDC, criado no dia 24 de maio de 1932 sob o nome de Guarda Paulista, ficou encarregado também do engajamento dos paulistas não militares para a guerra.

Em meio aos milhares de civis que se alistaram e lutaram, espontaneamente, encontramos o sui generis Clineu Braga de Magalhães, então com 21 anos, estudante de engenharia da Escola Politécnica de São Paulo que ao lado de seus companheiros de bancos acadêmicos participaria da Revolução Constitucionalista de 1932.

A então Escola Politécnica de São Paulo em 1932 era dirigida pelo paraibano Carlos Gomes de Souza Shalders e este apoiou o movimento constitucionalista, além disso, disponibilizou as oficinas e o corpo docente da Poli em favor da Revolução, contribuindo com invenções e produção e armamento bélico que foram usados pela infantaria, artilharia e aviação.

Tome-se como exemplo o armamento bélico produzido eficazmente pela Seção de Granadas de Mão. Nela, técnicos e artífices da Escola Politécnica

confeccionaram centenas de milhares de granadas que poderiam também ser disparadas pelo fuzil Mauser, propiciando um ganho de alcance de até 180 metros.

Essas e outras operosas oficinas da Escola produziram variados tipos de bombas para serem usadas largamente na defasada artilharia paulista. Nelas foram também fabricaram periscópios, lança-chamas, morteiros, munições para fuzis e metralhadores, carros e trens blindados, capacetes de aço. Em suma, na Escola Politécnica se buscou fabricar de tudo para o esforço conjunto da guerra.

Não obstante, não foi só com material bélico, mas também com homens que a Poli colaborou, afinal centenas de alunos deixaram as oficinas para se alistarem nos batalhões de voluntários em formação o campo de batalha. Acredita-se que mais de setecentos politécnicos possam ter participado da Revolução Constitucionalista.

Nesse sentido, consideramos Clineu Braga de Magalhães um dos maiores heróis da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo porquanto alistou-se voluntariamente e foi incorporado ao Batalhão 14 de julho tendo nele permanecido até falecer em combate.

Partiu para a guerra, onde passou fome, sede, frio, medo, saudade, ódio, mas tinha no coração algo maior que isso, a consciência do valor da liberdade social e do ideal da Constituição.

Tombou com a pureza de um herói.

Seu importante Diário de Campanha, não foi seu Magnum Opus, mas sim o orgulho que deixou em sua família, pois 84 anos depois de sua morte foi capaz de fazer chorar este historiador e seus familiares.

Sou eternamente grato às senhoras Anahi Carvalho, Gilda Palhares e o senhor Paulo Magalhães, sobrinhos de Clineu Braga de Magalhães, pois, assim como Guilherme Amaral Lyra, companheiro de Clineu de sala de aula e de batalhão, me concederem eles a honra de tocar nos diários originais de Clineu, os mesmos manchados com seu sangue vertido nas trincheiras do Setor Sul.

Clineu Braga de Magalhães hoje repousa na Necrópole São Paulo, ao lado de alguns membros de amada família. E no ano de 2017, com o apoio de seus familiares, será lançado um livro sobre sua vida.

São Paulo não esquece seus heróis.

Prefaciador Convidado de 1932 Diário de Campanha

Edição Digital Rememorativa do Movimento Constitucionalista de São Paulo

Tiago Rodrigues Peggau e Silva (*)

Em 1932, São Paulo viu milhares de seus jovens pegarem em armas e partirem para a luta pela legalidade. Para participar da Revolução Constitucionalista, centenas de batalhões patrióticos, como eram chamados os batalhões de jovens voluntários, foram formados em todo o Estado. Floriano Peixoto, Piratininga, Borba Gato, Fernão Dias, Bahia, 9 de Julho, Caçadores da Reserva, diversos foram os nomes escolhidos para esses contingentes de jovens idealistas dispostos a dar a vida pelo triunfo de São Paulo sobre a ditadura.

Estudantes universitários de São Paulo, em especial os acadêmicos de Direito, Medicina e Engenharia, formaram o Batalhão Universitário que, nos primeiros dias da contenda, foi, em homenagem à Revolução Francesa, renomeado para Batalhão 14 de Julho.

Entre os mais de 400 integrantes desse batalhão estava o jovem estudante de engenharia da Escola Politécnica Clineu Braga de Magalhães. Partiu junto com seus companheiros para a região sul do Estado, divisa com o Paraná, que foi denominada pelos constitucionalistas como Setor Sul, com sede em Itapetininga.

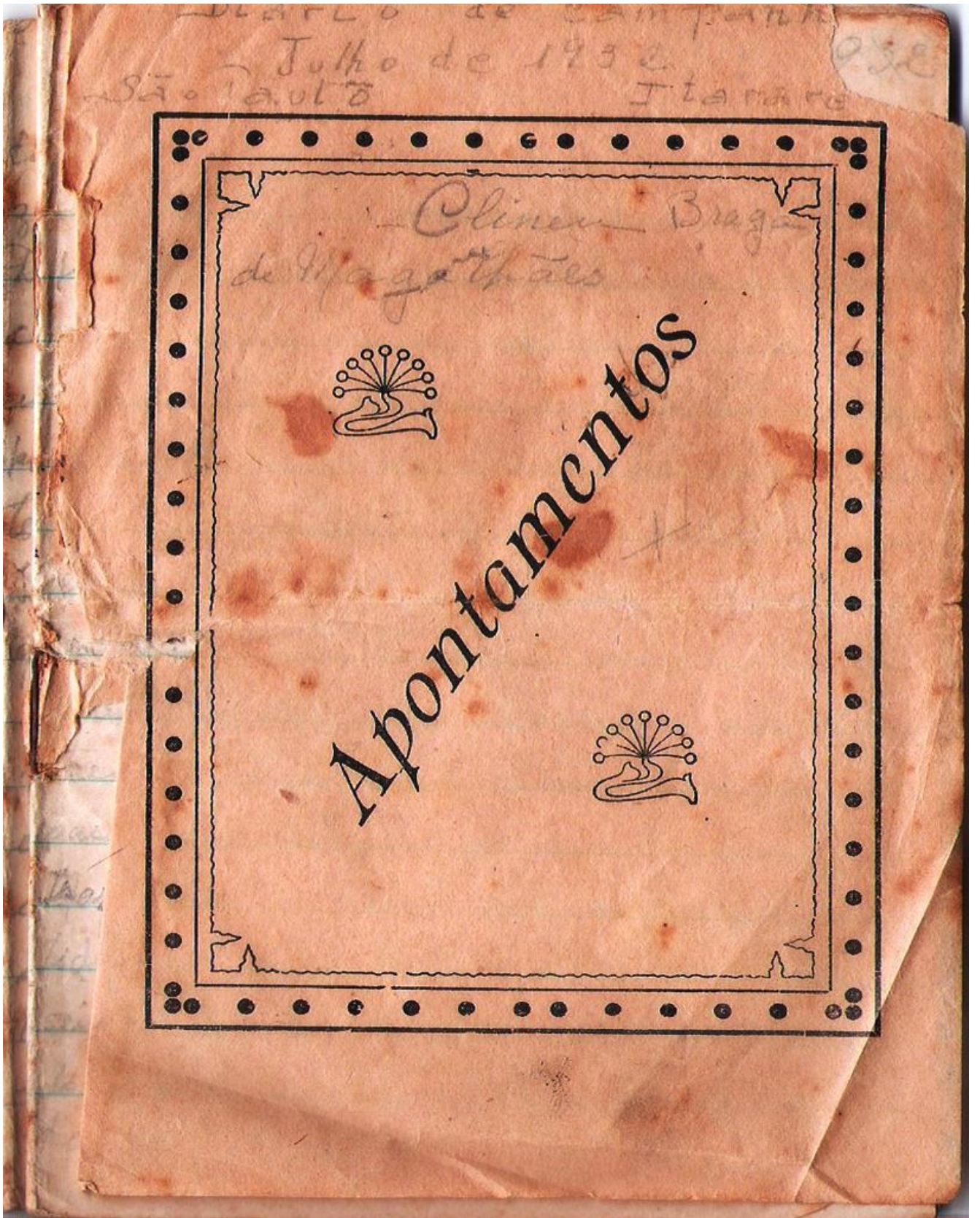
O 14 de Julho foi, sem sombra de dúvida, um dos mais exitosos batalhões de voluntários que participaram da Revolução Constitucionalista. Era um batalhão de moços, em sua maioria bem nascidos no seio de famílias tradicionais da sociedade paulista. Muitos acreditavam que eles não teriam a coragem e a tenacidade necessárias para combate, dado o conforto com o qual estavam acostumados. Porém, foi o campo de batalha a extensão de seus lares e a atuação brilhante desses rapazes nas trincheiras surpreendeu seus aliados e seus adversários.

O jovem Clineu participou das principais batalhas nas quais esteve envolvido o Batalhão 14 de Julho. Deixou um testemunho preciosíssimo dos dias em que esteve em combate: seu diário de campanha.

Em um relato simples, porém impregnado de sentimento e idealismo, descreveu naquelas páginas os sacrifícios enfrentados por ele e por tantos outros bravos soldados constitucionalistas.

Que este impressionante relato nunca seja esquecido e perdure por muitas gerações. Que os jovens do amanhã se espelhem naqueles que há mais de 80 anos ofereceram o seu sangue em holocausto pela democracia. Que o exemplo de Clineu Braga de Magalhães seja eterno!

(*) Entusiastas e pesquisador da Revolução de Constitucionalista de 1932.



Registros do Diário de Campanha do mês de

Julho



1932

Diário de Campanha

Revolução constitucionalista
de
São Paulo 1932

Cláudio Braga de Magalhães
Batalhão 14 de Julho

Registro nº 1**10 de Julho de 1932**

Estava eu passando magníficas férias na fazenda boa esperança, ao qual pertencem a Noemia e Alerico, numa paz de espírito, numa camaradagem, numa felicidade, quando, às 10 horas da manhã tivemos notícias do momento constitucionalista de São Paulo iniciado na véspera. No meu grande entusiasmo, quis partir imediatamente para a Capital, mas soube que não havia trem.

Fui à fazenda de Belmonte e em um passeio a combinei com este a nossa partida na manhã seguinte, de automóvel. Passei divertindo-me o resto da tarde, ouvindo as notícias dadas pelo rádio e despedindo dos meus amigos.

Registro nº 2**11 de Julho de 1932**

Dormi pessimamente, pois temia perder a hora de sair de automóvel.

Fui a Belmonte, mas dona Ercília e Isar quiseram ir para São Paulo e eu fiquei sem lugar no automóvel. Voltei a Boa Esperança super aborrecido, pois a minha vontade de ir a São Paulo era enorme. Tenho a impressão de que estou encarcerado em uma fortaleza da qual me é impossível sair. Às 10 horas fui convidado por Alfredo Braga para ir a São Paulo.

Lygia havia me cedido seu lugar então partimos. Chegamos às 5:30, cidade calma. Percorri ao posto de alistamento. Estive com José Junqueira que está alistado no 6º Batalhão. Encontrei Paulo, doente, tendo rompido uma veia da perna.

Registro nº 3**12 de Julho de 1932**

Fui cedo ao Batalhão Universitário onde pretendo alistar-me. Passei o dia fazendo visitas, descansando, passando bem. Lygia chegou hoje da fazenda, veio com Antony, teve a amabilidade de telefonar-me, pedindo notícias.

Paulo hoje teve intervenção cirúrgica. A noite estive em casa de Lygia, depois fui falar com Ceci. Encontrei Bertha, Antony, Orlando e o pessoal da casa, estive em casa de Leonorzinha. No dia seguinte decidi alistar-me pela manhã no Batalhão Universitário. Não há notícias de combate. Tudo calmo.

Registro nº 4**13 de Julho de 1932**

Às 8 horas alistei-me no Batalhão Universitário Paulista. Onde encontrei inúmeros amigos: Adolpho, José, Antoninho, Mauro, Celcinho, Zeca, Renato Iº, Mariosinho Sylvio Becker, Pestana, os filhos da Sylvia, etc. Fomos ao 2º Batalhão da Força Pública onde foram organizadas as companhias.

Sou cabo da 2.º Companhia, 2.º Pelotão, 2.º grupo, 2.º esquadra n.º 22. Recebemos o armamento e equipamento, encontrei o Nenê Prieste que está no Batalhão Fernão Dias Paes Leme. Pudemos almoçar e jantar em casa, mas à noite terá que ser passada no horrível dormitório do quartel.

Registro nº 5**14 de Julho de 1932**

Que noite horrível: percevejos, pulgas, dormindo sobre a mochila. Tivemos a folga até 7 e meia. Fala-se na partida de Guaratinguetá, Campinas, Igarapava, etc. Papai e Mamãe estiveram no quartel do 2º Batalhão ao meio dia, partimos sobre palmas e flores para a estação de Sorocabana.

Que surpresa, na fronteira do Paraná havia novidade. Fizemos viagem a Itapetininga, onde tivemos a ordem de seguir às nove horas da noite, para faxina, não tivemos nada para comer, nem ordem para desembarcar e comprar alguma coisa. A turminha do trem foi: Renato, Pestana, Epaminondas, os filhos de Sylvia, etc. Dormimos Pessimamente debaixo dos bancos uns sobre outros, sujos, cansados infelizes. Mas São Paulo acima de Tudo.

Registro nº 6**15 de Julho de 1932**

Às 5 horas chegamos a Faxina, continuamos até Itararé. Às 8 horas, cansadíssimos, loucos de fome chegamos a Itararé. A minha curiosidade não tem limites, desejo conhecer as afamadas trincheiras de Itararé. Fomos alojados em um velhíssimo prédio que era um teatro local.

Só às 3 horas foi servido o almoço churrasco cru e arroz quirera sem sal.

Com muita fome, fazendo muita força fui comendo aquilo, quando eu vi já tinha terminado. Às 5 horas tivemos uma folga. Fomos dormir às 8 horas sobre o imundo e duro chão do teatro. Dormi ultimamente devido ao cansaço. Apesar dos boatos, não seguimos para as trincheiras. Alguns colegas encontravam-se nervosos.

Registro nº 7**16 de Julho de 1932**

Acordei às 6 horas, tivemos alguns momentos de folga. Às 8 horas houve uma missa campal. Comunguei junto com diversos colegas. O café hoje foi às 10 horas, estava do outro mundo. Chegou à correspondência e estivemos retidos no quartel até às 3 horas quando fora enviado um péssimo almoço.

Almocei fora, no hotel São Paulo. Boia magnífica. Descobri porque a Força Pública é muito eficiente; seus soldados são sanguinários. Nossa artilharia tomou posições, nosso avião fez reconhecimento. Jantamos (Adolpho, Toninho, Mauro e Zeca), na casa de um médico cuja senhora teve a gentileza de tocar piano enquanto jantávamos. Chegaram forças de cavalaria, eram 15 homens.

Estou ansioso para conhecer as trincheiras do rio Itararé. Fala-se na vinda dos Gaúchos contra nós. Reclamação de alguns rapazes contra a péssima comida e falta de horário. Resumo: dia calmíssimo. À noite nosso avião esteve voando.

Registro nº 8**17 de Julho de 1932**

Alvorada às 5 horas. Às 7 e meia começou o 1.º combate nas trincheiras, a nossa artilharia troa. O Batalhão universitário ficou de prontidão. Há um entusiasmo indescritível. Ouvem-se vivas a São Paulo. Os canhões continuam a despejar fogo sobre os paranaenses. Ouvem-se tiros de canhão mais próximos.

O grosso do calibre acaba de falar. Temos oito peças chegadas ontem à noite. A artilharia inimiga veio a nosso campo de aviação. É impressionante a calma e o entusiasmo dos universitários e da população. Uma pessoa desmaiou na Igreja.

Tivemos a ordem de sair de forma e nos espalhamos para evitar estragos. O morteiro inimigo com seu som cavo e profundo continua a visar o campo de aviação. Com intervalos de 10 a 20 minutos, continuaram os disparos de artilharia.

Os trens chegaram carregados de tropas. Há um movimento de caminhões e cavalos. A população ignorante foge para os matos. O 3.º pelotão da 3.ª Companhia do Batalhão Universitário Paulista, já baixaram para o hospital 3 feridos.

Às 6 horas cessou artilharia. Mas a fuzilaria ouve-se ainda ao longe. Tivemos boa uma boa refeição. Chegou um correio com pasta para mim. Renato sentia-se adoentado. E cai o pano.

Registro nº 9

18 de Julho de 1932

Dormimos em rigorosa prontidão. Às 7:15 recomeçou o bombardeio. O avião levantou voo. As primeiras granadas começaram a cair próximo de nosso alojamento. Há correria, mas não pânico. Até agora não pude abrir o pacote que me veio de casa.

A 3.ª Companhia (e com eles Adolpho, Mauro, José, etc.) partiu para o "front". Afinal! As 10:10 tivemos ordem de seguir para as trincheiras. No 2º dia almoçamos às pressas e seguir em caminhões, mal acomodados.

Chegamos, fomos para o flanco esquerdo na 1ª linha. Ocupamos abrigos naturais e não as célebres trincheiras. Tomamos posições só às 2 horas disparamos os primeiros tiros. Estou em companhia de um novo amigo, Epaminondas Valle, bravo rapaz. O tiroteio não é tão cerrado quanto eu esperava.

De momentos em momentos ouve-se o assoviar de granadas e abraça-se com todo amor o solo pátrio, estou calmíssimo e bem disposto. Ouve-se o rodar de nossa artilharia à retaguarda. Correu o boato que o Batalhão Universitário Paulista está sozinho na linha de frente, temos ordem de tiroteio cerrado. Quando nós estávamos ansiosos por avançar, recebemos inexplicavelmente a ordem de retirada.

Fizemos na máxima ordem, sempre havendo ligação entre homens, até a estrada de rodagem; aí a ordem é proteger o embarque da artilharia! O embarque da artilharia? Vamos embarcar?

Vamos nos retirando em linha, até as estações sobre o fogo das metralhadoras inimigas. Estamos sob as ordens do tenente Dorival que organiza a retirada. Ao chegarmos à estação soubemos que todas as forças do exército e polícia já haviam partido. Nós éramos os últimos.

Havia uma composição pronta, embarcamos. A cidade apresenta um aspecto desolador completamente vazio. Entardeceu. Uma dessas magníficas tardes, de poente sanguíneo, começa cerrando o bombardeio à cidade, o teatro que estivéramos alojados vai para os ares, caem bombas próximas de nosso trem.

Mas haviam Paulistas que ainda não haviam embarcado, precisávamos espera-los. Sente-se o abalo produzido pelas bombas que caem cada vez mais próximas. O trem imóvel. Rapazes dirigem-se ao maquinista de fuzil embalado para obriga-lo a seguir, mas os oficiais os impedem.

Fale-se em traição por parte de nossos oficiais. Estamos entre morrermos na cerca, 400 contra 2 regimentos, se tentarmos resistir iremos pelos ares espedaçados

pelas balas de canhão ou entregarmo-nos prisioneiros! Esperando a morte a cada instante, preparo-me para morrer como católico.

Há uma hora que esta situação angustiosa permanece.

Os filhos de Sylvia portaram-se com bravos, pretendendo ficar resistindo quando o nosso trem se fosse. Da cidade partem de diversas casas, sinais luminosos que provam traição.

Anoitece, continuava-se a ouvir as metralhadoras inimigas. O trem parte, desta estamos livres, mas derrotados, Derrotados! .Incompreensivelmente derrotados, pois o número de feridos nosso é reduzido. Não temos mortos.

A situação esclarece-se. Fôramos traídos desde a partida de São Paulo. Primeiro pelo Major – M. R. nosso ex-comandante, depois pela cavalaria da força pública, que não merecendo a confiança do chefes da revolução, deixou de ir para o cruzeiro mas veio a Itararé considerando ponto sem importância.

Grande número de oficiais desta e do 8.º Batalhão de Caçadores Paulista passaram para o lado dos paranaenses e denunciaram nossas posições, nossos planos, nossos depósitos de viveres.

Depois a população passava-se constantemente para o Paraná e dava papas à língua. Finalmente estávamos pessimamente armados. Nossos fuzis 18 e 45 estavam descalibrados, o Batalhão Universitário Paulista só possuía metralhadoras e raros fuzis metralhadoras; insuficientes peças de artilharia.

O nosso comando cansara-se de pedir reforços, armas, viveres, mas o General Klinger tinha a atenção voltada para o Cruzeiro e não nos atendia.

Mas a traição foi à única causa de nossa retirada, o comando para evitar sacrifícios de vidas ordena retirada, e os heróis dessa retirada tinham sido: os 2.ºs Pelotões da 2.ª e 3.ª Companhia.

Garantimos o embarque de toda a força, toda a artilharia, todos os víveres, diga-se de passagem mais ou menos inconscientemente; mas nosso mérito nos era termos retirado com calma, devagar, abrigando-nos, tomando posições, comunicando-nos, fazendo fogo quando ordenavam.

Quando chegamos à Engenheira Maia, ouvimos elogios dirigido pelos oficiais e ditos de tropa: – “Ocês com parte de estudante, hein! “Mas eu num sabia que essa gurizada era tão bão assim”.

Em caminhão para faxina onde vamos organizar e receber reforços, encontramos com o coronel Kinglhofer nosso novo comandante.

O Zeca M. Salles portou-se como herói. Na retirada ele viu um cunhete de munição, foi sob o fogo do inimigo, busca-lo, a fim que os Paranaenses não ficassem com munição paulista.

Registro nº 10

19 de Julho de 1932

Passamos uma noite horrível, amontoados no trem, sem espaço não dormimos nada. Renato mostra-se adoentado. O trem esteve 5 horas parado a fim de chegarmos à Faxina de dia. Ao chegarmos a Faxina vimos passar um trem com tropas frescas, armadas com 12 metralhadoras pesadas, vários fuzis metralhadoras Fomos magnificamente recebidos em Faxina, cuja população ignora retirada de Itararé.

Entretanto, digo com sinceridade, nossa retirada foi prudentíssima, pois sendo mal armados, em número inferior e traídos, para evitar perda de vidas, retiramo-nos, porque do contrário não havia paranaense que entrasse em São Paulo.

Pela senhorinha da sociedade local, serviram-nos ótimo almoço no prédio da escola normal. Fomos descansar.

Mas, desapertaram-nos a mochila e com ela roupa branca, pulôver, etc. Às 3 horas tivemos ordem da 2.^a Companhia de guarnecer a estrada de Ribeira.

Que desaponto, não iríamos voltar a Itararé, somente às tropas regulares iriam combater os paranaenses, mas todos os homens do Batalhão Universitário Paulista, só tinham vontade de matar paranaenses. Postamo-nos na estrada, fizemos trincheiras e dormimos.

Registro nº 11

20 de Julho de 1932

Coube-me, com a minha esquadra, fazer guarda ao acampamento de 1 as 3 da madrugada. A noite está linda. O luar da aos arvoredos, formas exóticas, ameaçadoras, evocativa. Os sapos, grilos, insetos, o ar fresco e agradável, trazem-me saudade de dias calmos, felizes passados na fazenda. A estrada branca, deserta, batida pelo luar, produz melancolia. A manhã e agradável, calma.

Pusemo-nos a arrumar barracas. Boa comida, laranja sossego, descanso. Alguns camaradas comparam o nosso acampamento a um "pic-nic". Fernando diz que só falta uma vitrola. Soubemos que passaram por Faxina 2 trens de tropas para Itararé e que nosso ex-comandante, M. R., havia sido fuzilado.

Hoje à tarde, Epaminondas, Renato e eu tomamos banho num riacho. Que coisa gostosa, há quanto tempo não se via água. Ao voltarmos tivemos notícias da formidável vitória conseguidas por tropas constitucionalistas em Ribeira.

Não precisávamos mais garantir a estrada. Voltamos à Faxina e dormimos em prontidão, o que vale dizer passar a noite em claro.

Registro nº 12

21 de Julho de 1932

Pela manhã estávamos todos cansados, desanimados, infelizes, imprestáveis. Tomamos café às 6 horas e tivemos ordem de seguir para o "front". Lá iria se travar um grande combate. Isto reanimou-nos muito; recebemos copiosa munição e seguimos, sob um forte sol para a estação que fica a três quilômetros daqui; aí soubemos que nosso trem de reconhecimento, fora surpreendido por forças paranaenses e havia 4 mortos e 10 feridos.

Começamos a mais penosa marcha até aqui havida. Carregados com fuzil, mochila, grande quantidade de munição, debaixo de um sol fortíssimo, com fome, sem água para matar a sede, esperando possíveis ataques inimigos, seguimos através de campos, colinas e vales, morros, estrada de ferro, varando cercas, tomando precauções, até a crista de um morro onde já estava instalada uma Companhia de metralhadoras pesadas. Das 2 horas da tarde até às 5, sob um sol de fogo, estivemos causando trincheiras, com uma sede horrível.

Às 5 horas chegou o almoço que foi devorado, mas havia pouca água. A noite desce, escalam-se sentinelas. Deitamo-nos com armas embaladas, equipados; íamos passar mais uma noite em claro.

Espera-se a cada instante um ataque, estamos alerta. Qualquer ruído, ora um galopar de cavalos, ora tiros, outras vezes assovios, gritos, barulho de automóveis, isto tudo em um lugar deserto, parece nos denunciar a chegada do inimigo.

É notável este clima. Durante o dia um calor de rachar. À noite o frio é tal, que nossos pés e mãos tornam-se duros, adormecidos.

Rajadas de vento fustigam o rosto. O cansaço é cada vez maior, estamos alquebrados. Ouvem-se vagos disparos distantes, à meia noite temos ordem de nos preparar para tomar o trem. Recomeça a marcha até a estação.

Yaiá teve a ótima ideia de mandar-me umas almofadinhas para os ombros, no lugar das correias de mochila; se não fosse isso teria ferido a clavícula como aconteceu a muitos dos meus companheiros.

Registro nº 13

22 de Julho de 1932

Começamos este dia amontoados em um vagão de bagagem, em retirada para Itapetininga. Mais uma vez garantimos a retirada de toda tropa. Somente desta vez não corremos perigo de vida. Nova retirada; era incrível. Enfim como o soldado nada sabe o que se passa vou-me acostumando a esperar pelos acontecimentos sem conhecer o que ocorre no momento.

Dormir é impossível. Há pernas por cima das minhas; braços por baixo fuzis atravessados. Tenho a cabeça recostada na mochila, mas os ombros estão forçados para frente. Uma posição intolerável. Sem poder se mover tenho que passa a noite toda.

Às 8 horas chegamos a Itapetininga, aí encontramos, na estação com numerosos Batalhões de voluntários recém-chegados de São Paulo, o Borba Gato, o Floriano Peixoto, uma bateria de artilharia de Jundiá, onde estão vários alunos do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, colegas da Escola Politécnica, com 4 canhões 75 mm etc. Vamos ter descanso.

Pudemos almoçar fora graças ao Ruy Fonseca, conseguimos tomar um magnífico banho de chuveiro. Passamos o dia à vontade, descansando, comendo, passeando nesta bela cidade, cuja população é amabilíssima. Recebi cartas e presentes de casa.

Tivemos notícia do magnífico triunfo das forças do vale do Paraíba, no Túnel. Estamos bem dispostos e prontos para luta. Quanto a nossa situação, encadeando informações, observações, boatos e hipóteses, cheguei ao seguinte: vamos ter um novo Marne.

Temos forças em Ribeira e Ourinhos para fechar a retaguarda dos paranaenses; em Avaré, Apiaí, Capão Bonito, para atacar pelos flancos e em Itapetininga para a vanguarda. O General Kingler hoje aqui esteve observando as nossas posições. Há entusiasmo vibrante. Depois de um ótimo jantar, dormi bem tranquilo.

Registro nº 14

23 de Julho de 1932

Depois de uma noite magnificamente bem dormida estamos bem mais dispostos. Ontem e hoje tem sido dias felicíssimos para nós. Nossos preparativos para o grande e decisivo combate, cujo desfecho feliz para nossas armas não se pode nem de leve pôr em dúvida. Deverá ser ainda hoje iniciado.

Recebemos armamento novo, muita munição. Recebi muitos presentes de casa. Almocei magnificamente. Passamos o dia em prontidão. A cada instante esperava-se ordem para seguir para frente, à tarde começaram a chegar às primeiras notícias dos encontros havido com vantagem para nós.

O Capitão Negrão voou sobre os Paranaenses derrubando uma bomba de 40 quilos sobre um trem que “juntou”.

O Totó Almeida Prado, na Companhia de metralhadoras, foi promovido por atos de bravura, ao posto de segundo tenente.

O resto do dia passamos em folga, não era urgente o nosso auxílio.

Registro nº 15

24 de Julho de 1932

Comece mal o dia com guarda as 1 às 3. Pela manhã Dona Nenê, Heleninha, a mãe de Antoninho, aqui estiveram. Tirei fotografias almocei como “Lord” em casa de Ivens.

Foi nomeado novo comandante das forças, o coronel Brazilio Taborda.

O capitão Quintella acaba de ser preso. Dia completo de descanso.

Chegaram boas noticias da frente. Temos novo comandante geral, o coronel Taborda. Espero dormir magnificamente. Deitei-me às 8 horas.

Registro nº 16

25 de Julho de 1932

Fomos acordados às 3 e meia com ordem de seguir para Capão Bonito. Estivemos ante sofrendo a viagem que seria em caminhão. Entretanto, Renato, Epaminondas, Pestana, Fernando e eu conseguimos magnifico caminha de 6 rodas. Somos 23 ao todo.

Mais uma vez temos de agradecer ao benemérito Governo do Senhor Washington Luiz, construindo a extraordinária estrada em que estamos rodando. Campos, colinas, vales, alagadiços, matos, novamente pinheiros, eis a paisagem.

De vez em quando uma roça de milho, raras casa, grupos de gado magro, nenhum pé de café. Frio, tristeza, ar de abandono. Cerca do meio dia chegamos a Capão bonito. Ai das tropas que se aproximavam.

A vila tem suas comodidades como sejam: luz, água encanada, bonita igreja e um bom prédio do grupo escolar, onde fomos alojados. Apesar de estarmos alertas, com os fuzis embalados, o ambiente é de tanta calma, tanta paz que até descansa a gente.

Há aqui perto do alojamento um quintal cheio de laranjeiras, que tem nos alimentado. Almoço às 5 horas, carne secas e arroz. Sete horas leite. Ao anoitecer ocorre chatíssima sessão de piadas, burradas, idiotices, etc.

Registro nº 17

26 de Julho de 1932

Dormimos como “lords” até às 6. Sem novidade até às 11, rancho ruim.

Esta vidinha está ficando horrível. Não se faz nada. Pela manhã ainda tivemos no campo de futebol, exercícios de ordem unida, apresentar armas, como nos preparássemos para uma parada. Mas á tarde nada; o 2.º Pelotão está transformado em Cassino; 3 mesas de pocker. Dorme-se, vegeta-se, está muito chato.

Às 3 horas ouve-se um energético toque de reunir. Fervem boatos.

Estávamos sendo atacados em Buri, iríamos seguir imediatamente com outros. A verdade entretendo era a seguinte. Uma Companhia teria de guarnecer as trincheiras que defendem a cidade. Foi a 1.ª, nós voltamos à mesma vidinha.

Soube pelo pai do Epaminondas, que veio de Itapetininga, que o combate ia aceso em toda a primeira linha. Aqui chegou hoje um Capitão da Brigada Paranaense que aderiu ao movimento constitucionalista.

Ao entrar em um quintal, encontrei limas docíssimas. Lembrei-me de mamãe. Rancho péssimo, carne, carne cozida, feijão cru, umas papas de quirera.

Aliás, todos os dias a mesma coisa. Noite, boatos, piadas.

O tenente Quartim contou como ele conseguiu fugir de Itararé.

Registro nº 18

27 de Julho de 1932

O dia começou mal. Boatos alarmantes, incerteza. Mas o racional é o seguinte: estamos em completa folga. Nem prontidão, nada.

Recebi três cartas de casa e um pacote. Chegaram alguns rapazes da 3ª Companhia e vários do "Florian Peixoto", que vieram de Buri a pé (36 quilômetros).

Entretanto afirma-se que as nossas tropas tornaram Faxina. Não se entende nada. Rancho ao meio dia, bom feijão e resto horrível. Adolpho, Antoninho, Mauro, Nelson Piza, chegaram cansadíssimos a pé, de Buri.

Contam horrores, mas não se pode crer que Buri haja caído, a calma aqui no batalhão é formidável. As 3 e meia a 2.ª Companhia saiu para guarnecer as trincheiras avançadas da cidade. Nosso pelotão ficou dividido.

Fiquei com Renato, mas Epaminondas, Fernando, Pestana, foram-se para outra parte. Numerosos grupos de soldados da Força Pública tornam posições.

Vamos passar uma noite comodamente estirados sobre a grama.

Às 10 horas recebemos ordem de recolher ao quartel, mas tivemos que dormir no pátio, ao relento sob um frio de rachar. Não dormi quase nada.

Registro nº 19

28 de Julho de 1932

Pela manhã exercícios. Afirma-se que Buri continua em nosso poder, que Pedro Dias de Campos, desce de Ourinhos para tomar Itararé. Mas sinto-me desanimado. Vivemos numa imundice, com falta de água, sem fazer nada, sem poder tomar banho. O pior é estarmos parados, sem avançar, sem conquistarmos vitória. Quando a gente começa a enjoar disso, não há nada que console.

Tinha razão Remarke, nestes momentos chatos não existe coragem, patriotismo, ordem. Só se tem vontade de voltar para casa (ou dar-se um combate decisivo). Ontem o pessoal do 3.º grupo "espantou" um galo.

Foi preparado pelo cozinheiro. Deram-me um pedaço. Durante o dia, Epaminondas e eu, (Renato não quis) conseguimos atravessar a sentinela, (estamos numa prisão, não podemos como em Itapetininga e Itararé, sair para a cidade) e tomamos um banho em um riozinho. Nossas condições sanitárias pioram a cada instante.

A má água e as laranjas já passadas têm produzido desarranjos intestinais a vários colegas. Uma patrulha composta de Renato, Epaminondas, Aurélio e eu fomos encarregados de guardar a estrada de Apiaí.

O sítio é mais os menos agradável, preferível ao pátio do grupo onde dormimos ontem. A nossa guarda vai das 6 a meia noite, mas deliberamos passar a noite toda aí. A estrada é movimentada, cavaleiros, caminhões, peões, passam a cada instante. Tem-se que pedir salvo conduto; é bem aborrecido.

Epaminondas foi levar à cadeia um caminhão que não tinha ordem de passar. Perto da meia noite começou a chover. Refugiamo-nos numa casinha abandonada. Aí nos preparamos para dormir.

Encontramos uma lamparina e vela. Não estamos mal acomodados, mas longe de estar descansados.

A casa está abandonada, entretanto foi visto na vizinhança um indivíduo excessivamente magro, assustador, cuja tosse cavernosa ouve-se a cada instante. vizinhança muitos leprosos.

Um enorme porco ronda fazendo um barulhão. Não obstante dormimos profundamente cerca de 6 horas. Becker que veio com a patrulha que nos renderia, está, caiu de um barranco. Está excessivamente nervoso.

Registro nº 20

29 de Julho de 1932

Pela manhã é que me sentí apreensivo com a tuberculose, a morféia, o mal de chagas. Chegou uma patrulha que nos disse ter a desinteria no quartel assumido carater de epidemia.

Cerca de 300 rapazes já se achavam atacados. Fomos tomar café em um hotel e lá um tenente médico reafirmou tudo. Ao chegarmos ao quartel ele apresentava aspecto desolador. Todos pálidos, aborrecidos, desanimados.

Tivemos licença de sair para a cidade. Almoçamos em casa de um senhor protestante. Adolpho, Antoninho, Mauro Celsinho, Mariozinho, fizeram companhia. Tive ocasião de observar no quartel como são unidos os protestantes.

José de Melo desde saída de Buri, não se sabe onde anda. Chegou uma família de São Paulo; trouxe-nos meias e chocolate. Levou uma carta a papai. Parece-me que papai anda muito apreensivo; todos que têm estado com ele, dão a entender isso.

Fomos novamente alojados em uma das salas do grupo escolar. Só chuva.

Registro nº 21

30 de Julho de 1932

É extraordinário, como por um milagre amanhecemos todos ótimamente dispostos. A desinteria cedeu completamente; estão todos muito entusiasmados e alegres. O dia está com ar mais bélico; limpei meu fuzil. Foi oficialmente noticiada a ocupação de Itararé por tropas de Pedro Dias de Campos.

Os Paranaense e Gaúchos (que, aliás, são em maior número) estão completamente cercados. A nossa aviação vai bombardear as posições inimigas.

Estão escrevendo em letras brancas colossais "Capão Bonito" no telhado do grupo. Os nossos companheiros fazem trincheiras em torno da cidade.

As fôrças dos Batalhões 9 de Julho e 4.º da Polícia passaram por aqui, rumo a Guapiára. Nota-se um lufa-lufa.

À tarde as notícias já não são tão otimistas. Estivemos passeando o dia todo. Almoçamos e jantamos em casa do mesmo senhor protestante. O senhor Tanota chegou de São Paulo, com caminhões cheios. À noite fui ao culto protestante. Tive boa impressão. No alojamento deu-se uma coisa desagradável.

Registro nº 22**31 de Julho de 1932**

Contra a expectativa geral não dormimos de prontidão, quer dizer dormimos muito bem. Hoje Domingo, houve missa rezada pelo capelão do Batalhão. Recebi de casa uma finíssima camisa de brim caqui que fez furor.

O Bernardo (Bode) teve que ir consultar um oculista em Itapetininga devido ao amoníaco que o Boi atirou nos olhos dele. Como sempre, por iniciativa do senhor Valle, pai de Epaminondas, almoçamos em casa do senhor protestante.

Estou cativado pela bondade, simpatia e amabilidade do senhor Valle.

Consta que os Paranaenses e Gaúchos tentaram romper o nosso cerco próximo à Apiaí, o que, parece-nos, vem provar que eles estão batendo em retirada, rumo à Curitiba. E nós sem termos o gostinho de dar-lhes uma surra, continuamos aqui em repouso.

Totó Almeida Prado continua ativíssimo. É o chefe do tráfego de caminhões, gasolina etc.

Hoje morreu um bravo soldado da cavalaria Paulista, ferido ontem em Apiaí. Suas últimas palavras foram "Seu major, vou morrer, mais o capote do Gaúcho veio. Esta campanha está o suco".

Hoje graças ao senhor Valle comemos peru ao jantar!

Mudamos de alojamento. Passamos à 2.^a Companhia para o prédio do Capão Bonito Clube estamos bem.

O grupo será transformado em hospital de sangue. O José Mello esteve em São Paulo e voltou trazendo boas notícias.

31-7-1932

Contra a expectativa, geral, não
 corruimos de promptidão, quer di-
 zem dormimos muito bem. Hoje,
 Domingo, houve missa rezada pelo
 capelão do batalhão. Recibi de casa
 uma finíssima carniva de brio-
 naki que fez furor. O Bernardo (Bodo)
 tem que ir consultar um occultista em
 St. Petringas, devido ao anuncio
 que o Boi atirou nos olhos d'elle. Como
 sempre, por iniciativa do sur. Valle,
 que de Espirito andou, alu. ca. em
 em casa da sua, por ter tanto. Estou
 captivado pela bondade, sympathia,
 e a fidelidade do sur. Valle. — Con-
 ta que os Paravaenses e Ganchos ten-
 taram romper a nossa cerco pro-
 ximo a Espirito, o que, parece-me,
 nem provar que elle, estas bater

Registros do Diário de Campanha do mês de

Agosto



1932

1-8-1932

Dia feio, chover. O Major Garcia, deu
 foi destituído do comando; seu substituto
 o capitão Bravo. Elle em pressão optica-
 mente aos novos companheiros. Tem
 um porte militar, activo, inspira confiança
 e; não é como o Major Garcia, uma
 água morna. Chegamos a noticias serem
 contrarias a respeito das operações, não de
 toda boas. Hoje estou exaltado. Revolto
 com a incoherência das operações,
 discussões planas de ataque, progresso contra
 o comando. Ao jantar discuti com José,
 Antãozinho, o chato do Maricóinha, por causa
 do sr. Washington Luiz. O coronel
 Taborda a qui estava. É de Curitiba (ou
 tipo). De noite no alojamento, novas discussões
 e apresento sugestões, mais com pontos
 contrários. Que avançar, quem atacar
 Estou irritado, insuportável. Tento apor-
 tentar calma, mas estou estourando de ira
 e incoherência.

Registro nº 23**1 de Agosto de 1932**

Dia feio, choveu. O major Garcia foi destituído do comando; veio substituí-lo o capitão Bravo. Ele impressionou otimamente aos nossos companheiros. Tem um porte militar altivo, inspira confiança.

Chegam-nos notícias desencontradas a respeito das operações. Hoje estou exaltado. Revoltadíssimo com a morosidade das operações de certos planos de ataques praguejo contra o comando. Ao jantar discuti com José, Antoninho, e o Mariozinho, por causa do senhor Washington Luiz.

O coronel Taborda aqui esteve. É de Artilharia, bom tipo.

De noite no alojamento novas discussões. Eu apresento sugestões, meus companheiros contrariam-me. Quero avançar, quero atacar. Estou irritado, insuportável. Tento aparentar calma, mas estou estourando de impaciência.

Registro nº 24**2 de Agosto de 1932**

Logo depois das 9 horas, recebemos ordens de nos prepararmos para guarnecer as trincheiras em torno da cidade. Eu e Renato havíamos feito guarda ao hospital de sangue, durante toda noite. Estávamos mal dormidos e não recebemos com muita boa vontade a notícia.

Eu havia durante a noite "estrilado" com o sargento Luiz por sua falta de justiça na distribuição da guarda, o que ele ouviu mudo, provando a sua culpabilidade.

Mais tarde, dizia-se que não iríamos mais para as trincheiras e sim para Guapiara. Imediatamente minha má vontade mudou-se em grande satisfação. Íamos avançar em direção ao Paraná. Saí para comprar pão.

Qual não foi a minha satisfação em encontrar, na volta, no alojamento, adivinhem quem? Papai.

Havia vindo de São Paulo, na véspera, dormira em Itapetininga e finalmente aqui estava. Veio com o senhor J. Pires, Erasmo Toledo, Juvenal Piza e Theodoro Piza.

Em casa todos bem. Não é preciso dizer que a chegada do Papai, muniu-me de copiosa e ótima munição de boca. A cada instante espero partir para Guapiara, logo agora que Papai está aqui.

Tive o prazer de apresentar ao Papai o Epaminondas e o senhor Isaac. O senhor J. Pires pareceu-me mais simpático. Almoçamos as pressas em casa do senhor protestante.

Ao chegarmos ao largo soube que iríamos iniciar uma valentíssima ofensiva. É grande o entusiasmo que reina não só no 14 de julho como na artilharia, no 8.º e 6.º Batalhão.

Há um movimento de tropas, de caminhões etc. Acaba de chegar a luzida cavalaria de Rio Pardo. Espero sair a cada instante e aproveito os últimos instantes para conversar com Papai.

Às 2 horas Papai almoçou no hotel e eu aproveitei para um 2.º almoço. Cerca de 5 horas papai na companhia dos demais seguiu para São Paulo, dando-me antes um lindo distintivo da revolução Paulista. Levou grande número de cartas de meus colegas, muitas lembranças e muitas saudades.

Logo depois chega-nos a notícia, sem confirmação da fuga do Getúlio Vargas (xuxu). Reinou instintivamente grande alegria, mas o major Rodrigues Alves com a sua grande sapiência lembrou-nos que aquilo podia ser apenas um ardil e que devíamos permanecer em prontidão, no que foi prontamente atendido.

Às 10 horas recebemos ordem de nos alojar. Partiríamos às 4 horas da manhã seguinte para Guapiara.

Registro nº 25

3 de Agosto de 1932

Fomos acordados às 4 horas, mas como eu já conheço esse pessoal só saí as 5. As 7:15 embarcamos em caminhão. No meu somos 21 e é um Ford, estamos mal acomodados, mas satisfeitos.

A viagem ia correndo bem apesar da estrada estar bastante molhada, quando a uns 20 quilômetros de Guapiara começou a esfriar e a cair uma chuva fria, pesada, desagradável. Com algumas lonas formamos um toldo. Mas era insuficiente e várias vezes aconteceu desprender-se em alguns pontos, entornando a água armazenada sobre alguns colegas.

Tenho as costas molhadas e suporto no meu joelho o peso do Eder.

A nossa posição é muitíssimo incomoda; viagem estafante. Chegamos a Guapiara, todas as casas estão cheias de soldados, enquanto cai interruptamente a chuva. A vila tem péssimos e pouquíssimos prédios.

Ficamos em casa do prefeito enquanto não recebíamos ordem para ir para a linha de frente. Aqui encontramos o que foi de grande alegria para nós, o senhor Isaac. O senhor Isaac com sua grande bondade, arranhou-nos a "boia" dos oficiais, pois a nossa sairia muito tarde. Novamente ouço, depois de tantos dias, o roncar do canhão.

As notícias da linha da frente são animadoras, ótimas. Já chegaram três feridos. Fala-se em partir imediatamente para frente, mas acaba de chegar um comissário das trincheiras dizendo que estamos fortíssimos e não precisamos de mais ninguém, aliás há gente "pra burro", uns 2.000 homens.

O meu grupo foi designado para guarnecer a estrada da cidade, ficando abrigado do aguaceiro que não cessa de cair, no porão da igreja, onde há sapos, aranha etc, mas é preferível à chuva fria, e úmida. Mais tarde a chuva cessou e pude observar o lugar em que nos achamos. Plena serra de Paranapiacaba.

A própria cidade acha-se localizada em um morro. De todos os lados picos abruptos cobertos de neveiro cujas encostas cobertas de verde vegetação rasteira, assemelham-se aos bem tratados tabuleiros dos jardins da capital.

Os tortuosos caminhos, as toscas pontes, as caprichosas, isoladas copas de redondas árvores, plantadas pela natureza, quase simetricamente, lembram os campos de "golf", com os quais os nossos amigos ingleses e americanos gastam tanto dinheiro.

As casinhas penduradas nos alcantis, cercadas de laranjais carregados de frutos, o gado pastando, os alegres regatos que correm sobre pedras em vales profundos, as cascatinhas, dão à vista a impressão de um lindo presépio de natal.

O ar que se respira é leve, entretanto o sol aparece por poucos instantes; logo depois a chuva volta a nos aborrecer.

Anoitece, às 7 horas, estiro-me sobre a lona, no porão cheirando mofo, sobre a poeira, em companhia de sapos, aranhas, grilos, baratas e durmo profundamente.

Registro nº 26**4 de Agosto de 1932**

Durante a noite ouviu-se o desencadear de uma tempestade, trovões que davam a impressão que e artilharia pesada, relâmpagos que iluminavam o sombrio porão; um vento fortíssimo. Pela manhã tudo calmo, nada de céu azul, raios dourados de sol.

Conversei com um soldado que havia estado nas trincheiras; nossa atuação havia sido ótima. Os inimigos recuaram 3 quilômetros, tomamos uma "pesada" e "viramos contra os dele"; quando estávamos a 200 metros da artilharia inimiga, que seria tomada, faltou-nos munição, pois o caminhão encarregado de levá-la atolou na estrada. Garantimos então as posições tomadas e esperamos pelo dia de hoje.

Reina por aqui um movimento daqueles, vamos continuar a atacá-los fortemente. Dois 75 já seguiram. Os oficiais conversam, dão ordens, seguem, voltam. Acaba de passar uma esquadrilha de 3 aviões.

Se o tempo permitir hoje daremos conta dos "getulistas". Passam caminhões carregados de soldados. Ora, os picos vizinhos estão cercados de negras nuvens ameaçadoras.

Escurece e esfria continuamente. Os aviões voltam sem nada fazer. Nuvens, trovões, frio, chuva, chuva, chuva. Devido ao excesso de chuvas, o comandante Moraes Pinto deu ordem de cessar hostilidades.

Cerca de 4 horas recebemos ordem de nos preparamos para partir, mas como sempre veio contra ordem. Vamos passar a noite mais horrível de toda a campanha, 50 homens numa sala de 3 por 8 metros. Renato e eu conseguimos ficar debaixo de uma mesa, onde conseguimos nos deitar, mas Epaminondas e os demais terão de passar a noite sentados.

O senhor Valle aparece sempre nos momentos críticos de nossa vida militar; ainda agora conseguiu licença para irmos dormir em alguma casa, onde nos deram colchões e travesseiros! A pior das noites passou sendo a melhor. Dormimos como reis.

Registro nº 27**5 de Agosto de 1932**

O dia amanheceu mais calmo, céu azul. De vez em quando nuvens ameaçadoras. Estamos esperando partir a cada instante. As noticias que chegam da frente são as melhores possíveis. Sempre avanços nossos; encontros em estradas que ficam juncadas de corpo dos inimigos. Quando nos afastamos um pouco da rua ouço o ribombar dos canhões na serra.

Recebi hoje uma carta de Léa, o que foi motivo de grande satisfação. Novas notícias de vantagens nossas, 30 homens de Força Pública e uma "pesada" encontraram-se com 150 dos outros; fomos atacados e recuamos sem fazer funcionar a metralhadora, formando uma ferradura; neste instante a "pesada" vomitou balas sobre eles, ceifando-os.

Os que não morreram fugiram em debandada. Chegou um caminhão de São Paulo, com 153 capacetes de aço, que foram distribuídos pelas duas Companhias que aqui estão. Eu não consegui nenhum. Dormimos novamente em colchões e travesseiros.

Registro nº 28**6 de Agosto de 1932**

Logo cedo formamos. Iriamos guarnecer os flancos da Força Pública. Passamos o dia em prontidão. O 1.º Pelotão da 2.ª Companhia já seguiu, a 3.ª Companhia foi para a Estrada guarnecê-la.

Durante o dia passamos à espera de ordens para seguir para o "front", deitados em um magnífico prado verde. Renato conseguiu em uma casa vizinha água fervendo e preparou o leite condensado com café que ficou ótimo.

Estávamos deitados perto de uma grande árvore. Renato insiste em saber as horas, mas estávamos falando em amor, em pequenas que possam fazer felicidade de um homem, enfim em um futuro róseo, calmo, feliz.

Em dado momento, criei coragem e vi as horas, 9 minutos para as 5. Agora apareceu um avião, azul escuro, bonito. Logo como sempre começaram os palpites. "É nosso" — "Eh! não tem faixa preta e branca" — Mas é o nosso só os vermelhos é que tem". Está jogando boletins" vium... chuím... Assovios cortam os ares. Silvos prolongados assustadores, e logo em seguida estampidos fortíssimos. Surdos arrepiantes, fazendo quase tremer a terra; estamos sendo bombardeados pelos aviões da ditadura; há uma correria horrível às bombas continuam a cair.

Passado o primeiro instante, muitos de nós, inclusive eu, pegamos os nossos fuzis e disparamos contra o pássaro intruso, enquanto que outros permanecem deitados sem se mexer. Um deles tem a cara em cima de um formigueiro.

O avião dirige-se para o Paraná, faz a curva e volta a bombardear-nos.

A fuzilaria então é intensa, uma metralhadora começa a funcionar, novos estampidos. Agora 50 metros do lugar em que estou caiu uma rareada e o avião atacado por fuzilaria e metralhadora, foge rumo ao Paraná. Fim de tudo o resultado de todo o bombardeio foi nulo.

As bombas em número de oito fez muito barulho, mas caíram todas em campo raso. Nenhuma pessoa ferida, nenhum estrago.

Fui examinar o local atingido e vi apenas terra revolvida e apanhei um estilhaço de granada de lembrança.

Tivemos ordem de dormir em rigorosa prontidão, no alojamento. Cerca de 10 horas fomos acordados, mas só o 3.º Pelotão seguiu para frente.

Registro nº 29**7 de Agosto de 1932**

A uma e meia fomos novamente acordados. Aprontamo-nos, formamos. Iriamos reforçar o flanco esquerdo.

Logo depois recebemos contra ordem, iríamos dormir novamente. As 4:15 novo chamado, o ambiente era de grande apreensão. Circulam boatos que nos são completamente contrários.

Constava mesmo que iríamos retirar visto estarem escassas as nossas munições e estarmos com as comunicações cortadas com Capão Bonito. Mais tarde conseguiu-se comunicar com Capão Bonito: nada de anormal por lá. Recebemos ordem de ir para um mato próximo e os caminhões foram espalhados prevenindo um possível ataque aéreo.

Do lugar em que nos achamos ouve-se distintamente o ribombar dos canhões, o pipoqueio das metralhadoras, os tiros de fuzis. O rancho hoje esteve bom.

Os nossos companheiros do 1.º e 3.º Pelotões estão no "front", portando-se muito bem, provocando elogios do capitão Bravo, que, aliás, é um magnífico comandante.

O senhor Isaac, como sempre não se esquece de nós, aliás, de todos os soldados do 14 de Julho. Hoje à tarde, cerca de 4 horas, recebemos novamente a desagradável visita do avião da ditadura. Veio do lado do Paraná; imediatamente os soldados do grupo de comando, do 8.º civis desceram correndo o morro e entraram para o mato em que nos achávamos, localizando-nos perfeitamente.

O avião rumou exatamente sobre nós; foram momentos de angustiante espera; sempre nos parecia que ele estava em cima de nossas cabeças. Foi então que ouvimos o tétrico silvar das bombas; deitei-me, entreguei a alma a Deus e as bombas explodiram a uns 30 metros atrás de nós.

Rompeu então o fogo das metralhadoras e vários fuzis pondo em fuga o perigoso inimigo.

O senhor Valle neste momento esteve conosco escondendo-se no mato. Admiro a sua coragem. Durante a noite tive que fazer guarda com mais 3 homens, ao posto de comando. Soube então que o capitão Bravo havia salvado a nossa situação em Guapiara.

Os gaúchos haviam atacado fortemente a ala direita, quando o tenente que a comandava soube que a comunicação com Capão Bonito estava cortada. Julgando-nos envolvidos, deu ordem a sua Companhia para retirar-se e mandou um homem pedir instruções ao comandante. Este homem, sendo muito medroso veio dizer que os inimigos haviam furado as linhas e que os nossos estavam em franca retirada.

O comandante Moraes Pinto achava-se em Itapetininga, então os demais oficiais resolveram ordenar a retirada geral, às 4 horas da manhã. Aí acordaram o capitão Bravo, o qual se opôs à retirada, tomou o comando da praça, prenderam os oficiais que se recusaram a obedecê-lo, reorganizou as linhas de fogo, comandou a Companhia que havia retirado retornando as posições primitivas, enfim.

Livrou-nos de uma derrota.

Registro nº 30

8 de Agosto de 1932

Logo pela manhã fomos para uma estrada, a de Buri, para guarnece-la. Encontramos boas trincheiras, cobertas de pitorescas cabaninhas de sapé, disfarçadas por verdes ramos, cama de sapé, feitas pelo batalhão Marcilio Franco.

A que coube ao Renato, Epaminondas e a mim, é das melhores. À frente, abre sobre um lindo, grandioso, verde vale, cercado de montanhas, coberto de espessas florestas. Construídas para a esquadra de modo que nós três ficamos folgadíssimos.

O senhor Isaac trouxe-nos de Guapiara o almoço dos oficiais. Almoçamos calmamente como se estivéssemos no terraço de um hotel silvestre, olhando para o vale.

Recebi cartas e sanduiches de casa. Passamos o dia conversando, dormindo, descansando. Destes últimos dias este foi o melhor.

Apareceu uma patrulha em um dos morros; saiu um reconhecimento nosso, o qual verificou tratar-se de cavalarianos de capas pretas; estes quando se viram descobertos dispararam suas armas, quase ferindo o Lyra, e fugiram em disparada.

Fiz guarda em companhia de Epaminondas, da meia noite as duas e tivemos ocasião de presenciar um bonito e agradável espetáculo. Vimos a princípio um clarão no céu, mais tarde tornou-se um farol de automóvel, e depois de uma quantidade de faróis.

Pareciam um colar de preciosas gemas, sobre o negro veludo dos montes. Isto é bonito; agradável porque temos consciência que somos um número muito inferior ao inimigo, e contamos mais de 20 caminhões provavelmente, cheios de soldados, que mais tarde soubemos tratar-se do 7.º Batalhão da polícia.

Registro nº 31

9 de Agosto de 1932

A noite hoje foi cheia de incidentes gozados.

O fato de ter aparecido de dia uma patrulha alarmou algumas sentinelas e como nas vizinhanças havia muitos porcos que não foram vistos de dia, então se puseram a rondar o acampamento comendo os restos de comida; como a noite estava muito escura, Ventura, Ruy Barbosa e outros andaram pedindo senha, contra senha e acabaram disparando as armas.

Registro nº 32

9 de Agosto de 1932

O dia correu magnificamente. Renato e eu tomamos um banho no rio; a água estava friíssima. Cerca de 4 horas recebemos ordem de abandonar as nossas cabaninhas e ir tomar posições ao lado de um Pelotão do Marcilio Franco, Jantamos. Tivemos que dormir ao relento. Renato, Epaminondas e eu armamos uma tenda com duas lonas. Dormimos como sardinha em lata.

Registro nº 33

10 de Agosto de 1932

Às 6 horas o pequeno Savoy, o Epaminondas e eu, fomos encarregados de ir a Guapiara buscar café e lanches. Voltamos carregados, sob um peso horrível e ao chegarmos ao acampamento não mais encontramos os nossos companheiros, haviam seguido para Monjolada.

Renato e Dourado esperavam-nos. Formamos então a caravana dos cinco e partimos, carregando todo o equipamento, fuzil e mais lanches para todo o Pelotão; íamos revezando a carga, às 8 horas partimos.

Fomos seguindo por uma picada, através de montes e vales, um sobe e desce horrível, mas como íamos sós, paramos bastante. Encontramos no meio do caminho um soldado da força – Severino, que nos fez companhia.

Quando estávamos em um alto descansando, ouvimos um fortíssimo combate, como só se ouve em fitas de cinema, fuzilaria intensa, metralhadora a granel, fuzil metralhadora em ação, canhões, granadas de mão, uma coisa do outro mundo.

Ao chegarmos ao alto do morro, surpreendeu-me a vista, o mais belo vale que eu já vi a relva de um verde alegre cobrindo montes, pinheiros, cambuís, formando caprichosos recantos; um lindo ribeirão corria pelo fundo, passando ao lado de casinhas abandonadas.

Este morro é muito bonito para se ver, mas para subir é horrível; paramos em baixo de uma árvore, extenuados; meio dia, continuamos, a 1 hora chegamos a Monjolada, umas cinco casas, capelinha, vários monjolos. Mas o Pelotão havia

tomado no alto de um morro, distante um quilometro; seguimos cansados de baixo de um sol ardente, chegamos.

Fazia-se uma trincheira, dizia-se que seríamos atacados por quinhentos Gaúchos que achavam em Serraria, distante uma légua.

Saiu uma patrulha de reconhecimento. Moscow, Lyra, voltam dizendo que viram os "tar". De noite o frio de rachar, neblina. Acordamos molhados.

Durante a noite patrulhas inimigas aproximaram-se bastante de nós.

Registro nº 34

11 de Agosto de 1932

Escrevi umas cartas enquanto os meus companheiros melhoravam as trincheiras. As 10:30 chegou ordem de retirada. Íamos o mais depressa possível para Apiaí-Mirim, sem passar por Guapiara, que era ponto perigoso. Pasma geral, mas era preciso agir; arranjamos um caipira que nos guiaria pelos atalhos.

O Fernando, o Lyra, o Rogério, o pequeno Savoy, o Cintra Leite, o Carolino, haviam saído em reconhecimento; constava que haviam ficado prisioneiros.

Não havíamos comido comida de sal na véspera e hoje, tivemos que fazer uma marcha de vários quilômetros. Jogamos fora a maior quantidade de carga possível. Joguei um cobertor, a lona, a túnica, uma muda de roupa suja e o que foi borrada, o prato e a caneca.

Começou a retirada às 11:15 pelos morros. Descidas subidas, um sol de fogo. Não se fala não se pensa não se comenta. Esta picada é horrível, não há um pedaço plano, nem um pouco de sombra estreita; felizmente há muitos regatos, nascentes de água cristalina, e fresca que nos mitigam a sede. As 2:30, percebi pela posição dos morros, que já havíamos passado Guapiara.

Dai em diante comecei a me sentir cansado. Formavam-se bolhas em meus pés, doía-me o peito, as costas, os ombros, as pernas, os rins. Comecei a pensar em minha casa, em todos, deu-me uma vontade de chorar; lágrimas de saudades, tristeza, de raiva, de desânimo, caíam-me dos olhos; e a marcha, a retirada, continuava por morros inclinados e descidas escorregadias, pedregosas, cheias de curvas.

O espaço descangava-se 5 minutos, comíamos pedaços de pão e chocolate. Colegas meus vão afrouxando, vão ficando para traz.

Já quase não aguento em pé, mas vou andando, para onde, para que?

São Paulo, pobre São Paulo, o resto do Brasil todo está contra ti. Terás que lutar até o teu último filho ter vida; senão o que será de ti? O caminho melhora um pouco, planos, vagas sombras de pequenas matas. Meu Deus que será do Lyra, do Fernando? Estarão presos; terão sido mortos.

Minha mãe santíssima e que será de São Paulo, dos meus, de mim? Às 5 horas chegamos a um laranjal. Laranjas limas descanso de 20 minutos.

Chegamos às 6 horas, às margens de um rio onde não há ponte. Temos de atravessá-lo a vau; a água chega à cintura.

Esta água deve descansar-nos um pouco. Tiramos os sapatos, as calças, esperando o agradável contato de água fria, meto-me na água. Ui decepção! O fundo do rio é cheio de pedras, meus pés feridos e cheios de bolhas, cansados são maltratados pelas pedras; a correnteza arrasta-me; não tenho forças para me manter em equilíbrio, vou metendo os pés sobre pontas agudas de pedras; este rio não acaba; são 20 metros que parecem 100; finalmente acabou. A água apesar dos pesares, fez-me muito bem, descansou-me, animou-me.

Chegamos finalmente à Apiaí-Mirim as 7 e 15. Dormimos em uma péssima casa. Faz um frio horrível, estamos com pouco agasalho, cansado como estou, quase não consegui dormir.

Meu Deus, muitas graças vos dou por me haverdes conservado mais este dia, conduz-nos à vitória, à paz. Ficamos sob as ordens de um valente major da cavalaria. Apesar de estarmos esbodegados, de desejarmos descangar uns 3 dias em São Paulo, ou mesmo em Itapetininga, fomos encarregados de guarnecer trincheiras.

Estou pessimista, louco da vida; dizem por aí que a nossa retirada foi desnecessária porque não perdemos Guapiara.

Houve apenas um pânico nas fileiras do "Floriano Peixoto" que se comunicou ao 8.º havendo uma pequena recuada de 1 ou 2 quilômetros.

Mas isso tudo não me interessa, só sei que estou quebrado, longe do mundo, doente e ainda tenho de dormir ao relento. Foram presos pela cavalaria paranaenses que informaram estar lutando contra nós, a brigada do Rio Grande, policiais do Paraná, Santa Catarina e Pernambuco, exército do Paraná.

Cães, canalhas, lutando contra os que querem a lei; a justiça, a liberdade, a fortuna. Preparamos uma barraca com folhas e deitamos.

Registro nº 35

13 de Agosto de 1932

Apesar do cansaço, dormi muito mal. Faz um frio de rachar e eu com um capote e um cobertor, dormindo sobre a terra úmida, gélida. Dia chato, laranjas, galinhas, piadas bestas, jornais.

Às 5 horas da tarde ordem de seguir para Capão Bonito. As 6 partimos de caminhão por uma péssima estrada de carroça, estrada montanha russa.

Não pude apreciar direito a paisagem apesar da lua, porque vinhamos cantando; deu para ver muita serra, muitos vales, florestas cerradas. Em Capão Bonito, encontramos todos os demais rapazes do Pelotão, inclusive Fernando, Lyra, etc.

Registro nº 36

14 de Agosto de 1932

Domingo. Hoje soube por que se deu o desastre de Guapiara.

Estávamos preparando um ataque formidável. O 2.º Pelotão da 2.ª Companhia iria interromper, junto com a Companhia do Marcilio e o 1.º Pelotão de bombeiros, a comunicação da linha de combate com Ribeirão Branco. A 3.ª Companhia iria se entrichear na estrada de autos entre Fátima e Ribeirão Branco, quer dizer, eles estavam em péssima posição.

Entrementes o Floriano Peixoto, que para o nosso bem já foi dissolvido, ao receber um tiro pos-se em debandada; os soldados do 7.º, também fizeram o mesmo. O 8.º seguiu-os e foi aquele desastre.

Mas o coronel Moraes Pinto reorganizou a defesa, colocou-se em um alto, atrás de um cemitério de Guapiara, e está firme. Por aqui se fala muito em licença para o 14 de Julho, desejo ardentemente que isso se realize, mas acho pouco provável.

Dia santo. Assistimos a missa. Tomou posse de nosso Batalhão o major Heliodoro Tenório da Rocha Marques.

Hoje aqui estive o Dr. Wendell que tomou o nome de todos os alunos da Escola Politécnica para o caso de serem necessários os seus serviços.

O meu Pelotão terá que guardar uma estrada, a 10 quilômetros daqui, entre Fátima e Itapetininga. Chegamos; um campo sem fim; um vento e um frio como nunca se viu. Renato e eu preparamos nossa cama para dormir. Às 10 horas tivemos que acordar, pois foram buscar-nos; diziam que iríamos para Buri via Itapetininga.

Registro nº 37

16 de Agosto de 1932

Fomos acordados logo pela manhã, café, caminhões, estrada de Buri; encontramos com o 2.º Regimento de Cavalaria Divisionária de Pirassununga, descemos dos caminhões e começamos uma marcha de aproximação, como eu havia lido nos livros de instrução militar. Estamos ouvindo disparos de canhão, pipoqueio de metralhadoras.

Ficamos deitados em uma estrada à espera que os comandantes encontrassem bons lugares para nos colocarem.

Três aviões da ditadura começaram a nos bombardear de grande altura. Graças a Deus não fomos atingidos, pelos obuses; apenas alguns incendiários puseram em chamas uma mata próxima.

Fomos localizados por uma metralhadora inimiga. As balas passam assobiando por cima de nós indo cravar-se em uma cerca vizinha. Mudamos cautelosamente de posição. Vimos um espetáculo entusiasmamente.

Acaba de aparecer um avião dos nossos e enquanto os aviões da ditadura nos bombardeiam de uma altura formidável, o nosso descia até perto das trincheiras inimigas, não só as bombardeava como também as metralhava. O almoço chegou às 5 horas. Debaixo de balas, fomos buscá-lo.

Anoitece. O tiroteio torna-se muito mais forte, tem-se a impressão de que eles estão se aproximando. Estamos na estrada sem saber o que fazer. Ora viva!

O tenente Urbano acaba de chegar e tomou o comando da companhia para avançar. Vamos andando cautelosamente, subimos uma estrada, fomos nos arrastando por um barranco.

O tiroteio continua, nossas metralhadoras atiram por traz de nós obrigando os inimigos a se afastarem.

Os da legião negra também atiram para nos auxiliar o avanço.

Atravessamos um vale, subimos um morro, pegamos a estrada, atravessamos uma porteira, chegamos a uma fazenda abandonada.

Aí recebemos ordem de nos entrincheirar, o que fizemos empilhando paus de cerca, fardo de alfafa, pilões, mesas, cachos, etc. Aí passamos a noite.

Registro nº 38

17 de Agosto de 1932

Logo pela manhã recebemos café com lanche, e eu recebi 10 cartas e 3 embrulhos. As nossas metralhadoras disparam vários tiros sem respostas; nós julgamos (os soldados, não o comando) que os inimigos haviam se retirado e ficamos na máxima despreocupação.

Eu lia as minhas cartas como se estivesse num lugar mais calmo do mundo. Logo que acabei de lê-las começaram a chover balas que não acabava mais.

Deitamos, à espera de ordens; o ponto mais visado era a casa em que nos achávamos; as balas derrubam as garrafas das prateleiras, atravessam as paredes

que são de taboa e atingem a trincheira, alguns duns-duns, arrebentam contra as portas e janelas, balas caem nos assoalhos fazendo um barulho seco; um sanduiche que eu havia começado a comer e que deixara sobre uma caixa fora espatifado por uma bala; tziu... u...ú... uma bala resvalou pelo capacete do Ventura.

Meu relógio encrencou desde ontem; não sei quanto tempo está durando isto, mas calculo em duas horas. Recebemos ordem de mudar de posição. Vamos descendo para um vale, e daí pelo meio do mato alcançamos a crista de um morro.

Nisto apareceu um avião Paulistinha e novamente fez prodígios de acrobacias.

O local em que nos achamos é magnífico; avistamos Buri, a estrada de ferro, a estrada de rodagem, todo o movimento dos caminhões deles localizamos perfeitamente uma metralhadora e trincheiras inimigas. Cavamos o solo, e nos entrincheiramos.

Lindo espetáculo; dois colossais aviões da ditadura perseguidos por um avião leve dos nossos; eles seguem em linha reta rumo Fátima e o Paulista metralha-os, rodeia-os, sobe, desce, "cai de asa" e a luta prossegue pelo horizonte afora.

Registro nº 39

18 de Agosto de 1932

Melhoramos a trincheira; fizemos uma cobertura de sapé, contra o orvalho da noite, e uma chuva fortíssima que está ameaçando. Hoje estamos livres da visita de aviões, porque venta violentamente.

Apesar disso o "Paulistinha" apareceu e metralhou o pessoal. Provocamos inutilmente o inimigo, com tiros, rajadas de metralhadoras e fuzil metralhadora. Ele permanece mudo.

Estamos vendo o movimento de pessoal; vem de um mato; atiramos e eles abrigam-se. Assim passou o dia todo.

Registro nº 40

19 de Agosto de 1932

Que noite! Estou no "front", com inimigos a 8800 metros. Venta violentamente. Suspeito de um ataque de um momento para outro, no entanto dormi 12 horas seguidas.

Acordei só 2 ou 3 vezes. Apesar do vento violentíssimo uma esquadrilha Paulista de 4 aviões, em perfeita ordem de batalha, bombardeou as posições inimigas. Melhoramos as condições de habitabilidade de nossa cabana, ficou ótima; provocamos sem resultado os inimigos. Ouvimos disparos fortíssimos de um canhão longínquo, suponho que seja o tão anunciado nosso 155.

À tarde casualmente encontrei com o Dr. Piragibe; aproveitei a ocasião para falar com ele sobre 1 cartãozinho que o Paulo havia-me escrito. A alimentação tem sido pouca, deficiente.

Registro nº 41

20 de Agosto de 1932

Dormimos mais ou menos. Recebi cartas de Vovó, Mamãe e Netinha.

Às 10 horas a nossa esquadrilha composta de 4 aviões fez sua costumeira visita, bombardeando Buri, a estrada de ferro e posições inimigas.

Hoje o bombardeio atingiu a grandiosidade das de fita de cinema; "árvores" de terra levantam-se quando as bombas chegam ao solo. "Fontes luminosas aparecem repentinamente".

Esperei o dia todo notícias do Piragibe, nada.

O almoço foi bom, mas muito pouco como nos dias anteriores, provocando reclamações. Desde que aqui cheguei temos tido só almoço, e café pela manhã e a tarde, tudo em pequena quantidade. Reclamamos e o major prometeu providenciar.

Novamente o dia todo se passou sem fogo. Eles apenas deram-nos uma rajada de metralhadoras.

À tarde o chocolate péssimo, horrível e raras bolachas.

Registro nº 42

21 de Agosto de 1932

O café da manhã com vago pedaço de pão foi à coisa mais horrível que já serviram. Às 9 horas visita de uma esquadrilha de 3 inimigos.

Às 10 horas os nossos 4 fizeram estragos nos inimigos. Espero ansiosamente uma solução do Piragibe.

Dias mais ou menos bestas.

À noite o comando ordenou o máximo de vigilância.

Registro nº 43

22 de Agosto de 1932

Faço 21 anos; sim senhores, maioridade, hoje é o dia de meu aniversário; muitos votos de felicidades, longa vida, etc. Às 10 horas mais ou menos ouvimos dois disparos fortíssimos de canhão muito próximo.

Produziu-se um pânico terrível, seguido de uma rápida reação de ânimos.

Os inimigos ensaiam uma avançada formidável. Os canhões disparam continuamente, terrivelmente e os homens descem pelas estradas e matas disparando fuzis, fuzis metralhadoras e metralhadoras.

Reagimos fortemente com violenta fuzilaria, metralha e fuzis metralhadoras.

As granadas estão caindo a poucos passos de nós. Um coqueiro nossa frente serve de alvo à artilharia inimiga que nos molesta incessantemente.

Consegui localizar perfeitamente os canhões; são quatro bem à nossa frente; vê-se em primeiro lugar o fogo que sai da boca da peça, depois o estrondo do disparo, depois o chiado da deslocação do ar pela bala e finalmente a explosão. Que coisa horrível, que barulho ensurdecedor, que momentos de angustiante espera depois de se ouvir o disparo do canhão.

O Rubens morreu! O Rubens morreu!

São as exclamações aflitas de Rogério.

Uma granada havia explodido ao lado da trincheira dele e um estilhaço atingiu-o na cabeça, no momento em que o meu infeliz primo estava sem capacete.

Fernando provando grande fortaleza de ânimo disse com lágrimas nos olhos: Rogério foi-se o nosso querido irmão, mas ainda aqui estamos nós dois para defender esta terra bendita.

Viva São Paulo e postou-se no parapeito da trincheira atirando valentemente. O bombardeio e a fuzilaria continuam ininterruptos. "A ala direita está sendo rompida; precisam de 6 homens para reforçar uma das trincheiras mais atacadas".

Renato, Epaminondas, Ricardo e eu nos oferecemos para este serviço. Fomos para a trincheira indicada e sustentamos o tiroteio horas seguidas.

Estou arfando de cansado. Se este fogo continuar muito tempo não aguento mais. Oh! Deus, dai-nos força e ânimo para resistirmos.

Protejei-nos! Cai à noite.

O ataque vai se tornando mais fraco.

Os inimigos encontrando resistência inesperada voltam para as suas posições. Com a graça de Deus tudo está salvo.

Repouso, como, bebo água, fortaleço-me. Noite calma, mas atravessada na máxima vigilância.

Tivemos 6 ou 8 feridos e o Rubens morto.

Registro nº 44

23 de Agosto de 1932

Depois de uma noite mal dormida, quando a neblina se desfazia, foram vistos, a uns 150 metros, cerca de 200 homens que cautelosamente avançavam para a trincheira.

Preparamo-nos silenciosamente, fizemos pontaria e descarregamos os fuzis.

Os inimigos apanhados de surpresa abrigaram-se e em altos brados, dizendo palavrões, ofendendo-nos, respondem a nossa fuzilaria.

Depois de uma hora de fogo acompanhado de bombardeio de canhões os inimigos recuaram. Fomos transferidos para outra trincheira onde reina relativa calma em companhia do 3.º Pelotão da 3.ª Companhia.

Durante todo o dia, prosseguiu com intervalos o tiroteio, bombardeio a metralha. Ontem e hoje disparamos 120 e tantos tiros de canhão.

Recebi presentes e cartas de casa.

Registro nº 45

24 de Agosto de 1932

Dormi bem. Às 9 horas tivemos a desagradabilíssima visita de uma esquadrilha inimiga.

Fomos bombardeados pelos aviões cerca de meia hora. Fazemos justiça, um dos aviadores era de rara coragem, baixava bastante e metralhava nossas trincheiras.

A última bomba que ele atirou muito desastrosa para nós. Era um ônus incendiário que caiu sobre o extenso sapezal que existe atrás de nossas posições. O fogo atingiu em poucos instantes uma violência inesperada. Estamos entre chamas de um lado e o bombardeio e fuzilaria do outro. Momentos apavorantes. Tivemos que descolocar parte dos homens das trincheiras para apagar o fogo. Com grandes ramos de árvores eu e outros estamos dando combate às chamas. Um calor de ferver o sangue. O vento por vezes ateava o incêndio em vários pontos. Várias vezes tive a impressão que meus cabelos e sobrancelhas estavam queimados.

Graças a Deus o fogo cede. Estou extenuado. Lavei o rosto, bebi água em um regato. Tarde fomos chamados pelos Srs. Valle e Juvenal Piza, para receber as encomendas e notícias de nossas famílias. Fomos a uns três quilômetros atrás das linhas de frente.

Descansamos e conversamos, recebemos boas notícias de São Paulo. Estão tomando posições, duas peças de artilharia nossas.

Registro nº 46**25 de Agosto de 1932**

Tivemos durante a noite vários tiroteios. Não se dormiu quase nada.

Estes nossos novos companheiros da 3.º Companhia são bem camaradas, notadamente o Octávio Junqueira Neto. Temos feito refeições ótimas com os presentes que todos têm recebido. Raros tiros de canhão, mas a turma já está acostumada, não liga mais.

O Arnaldo A. Silva esteve dando uma prosa conosco contando coisas ótimas a respeito dos negros da Legião. "Então vocês com os seus fuzis fizeram calar a artilharia inimiga hem!" – "Uai dotô, nois feis o que nois pode".

À tarde nova e violenta tentativa de avanço dos gaúchos, protegidos pelos canhões, mas, mais uma vez foram repelidos. A noitinha veio ordem seguida de contra ordem para mudar nossa frente de combate para o rio Paranapitanga.

Durante a noite toda houve violentos combates na ala esquerda. O nosso lado mais calmo.

Registro nº 46**26 de Agosto de 1932**

Hoje o bombardeio começou cedo e prolongou-se com uma média de cinco tiros por hora. Como eu já não ligo a canhão resolvi dar uma voltinha para desembaraçar as pernas.

Fui ao posto de comando do Urbano e depois as trincheiras do 1.º Pelotão da 3.ª Companhia conversar com o Adolpho. Encontrei o Pelotão formado e pronto para ir reforçar um dos pontos da ala esquerda.

Voltei apreensivo, não obstante nada falei aos colegas. Prevendo fumo grosso para a tarde, tratei de aproveitar a relativa calma para lavar as orelhas, rosto, cabeça, pés, no córrego próximo.

Estamos fazendo uma refeição às 3:30. Octávio, Portugal, Salles e eu, repartindo com o resto da turma as guloseimas que havíamos recebido.

Fala-se nas festas que irão as Paulistanas oferecer ao 14 de Julho; nisto seis fortíssimos disparos de canhão seguidos de violentíssima fuzilaria, metralha.

Tomamos imediatamente posição de tiro para repelir os que avançavam, mas, mal podemos ficar de pé, tal é a saraivada de balas que passam assobiando, jogando terra, raspando o sapé, cortando a samambaia e os canhões incessantemente a vomitar mechas por cima de nós.

Deve haver alguns 105 entre eles, pois há disparos tremendos que nos abalam o sistema nervoso. Estamos num momento angustiante.

Um dos canhões visando diretamente nossa trincheira vai encurtando o tiro, e vamos acompanhando o rebentar das granadas e "schrappnells" cada vez mais próximos. Este atirou terra por cima de nós;

Meu Deus em vossas mãos entrego minha alma!

Nova chuva de ferro e uma nuvem espessa de fumaça, mais outra que arrebenta a dois passos de nós.

Resistimos a fuzil aos avanços. O tiroteio vai esmorecendo, pois os gaúchos desanimados vão se retirando para suas posições, mas os canhões continuam.

Cada granada que arrebenta a terra solta como que um gemido por se ver dilacerada, tão ingratamente tratada por seus filhos, 8 horas tudo se acalma.

O inimigo com as suas 8 peças 75 e uma 105 desistiu de tomar a nossa posição defendida só por fuzis e metralhadoras.

Arquejando de cansaço, íamos dormir quando soubemos que iríamos para a linha do Paranapitanga.

Seguimos silenciosos para lá.

Em caminho encontramos o tanque de guerra "14 de Julho", nome dado pelo coronel Taborda em nossa honra. Soube também da morte do bravo tenente do 1.º Pelotão da 3.ª Companhia. José Maria Azevedo, baleado em combate.

26-8-1932
 que o bombardeio começou cedo e pro-
 longou-se com uma média de 5 tiros
 por hora. Como eu já não ligo a câmbio,
 resolvi dar uma voltinha para desem-
 baracar as pernas. Fui ao P.L. do Urbano e
 depois às trincheiras do 1.º da 3.ª conversas
 com Adolpho. Encontrei o pelotão
 pronto e pronto para ir reforçar
 um dos pontos de ala esquerda. Não
 tive muita apreensão, não obstante, na
 da falei aos colegas. Quando fumo grão
 so para a tarde, tratei de aproveitar a
 relativa calma para lavar os pés, or-
 thas, rosto, cabeça, no correjo próximo.
 Estamos fazendo uma reficção às 3.ªs.
 Octavio, Portugal, Solles e em repartimento
 com o resto da turma as quilo semanas
 que haviam se passado. Fala-se nas
 festas que irão as Paulistanas oferecer
 ao 14 de Julho; mistos e fortes em o dispa

Registros do Diário de Campanha do mês de

Setembro



1932

10-9-1932

Sem senhores, um optimo des-
 canço, desde 38 de Agosto até hon-
 tem em Itapevinga. A cidade
 apresentou-se-me como uma
 grande metropole, um Paris, quanta
 gente, que movimento, quanta con-
 se bonita, que conforto! Que mulheres
 que coisas lindas! que perfeições! Que
 lindas roupas! - Foi esta a im-
 pressão inicial. Depois as visitas de Papae
 e Mamãe, o que meicito me confortou,
 matou as saudades, deu-me novas for-
 ças. Pensa elles tere ficado tão pouco tem-
 po, só 3 dias. Seguiu-se o encontro com
 diversos conhecidos, chegada de Paulo quasi
 são, infelizmente succinto triste; finalmente
 a partida às 9 horas da noite de hon-

Registro nº 47**10 de Setembro de 1932**

Sim senhores, um ótimo descanso, desde 28 de agosto até ontem em Itapetininga.

A cidade apresentou-se me como uma grande metrópole, uma Paris, quanta gente, que movimento, quanta coisa bonita, que conforto! Uma mulher, que coisa linda! Que perfeição! Que lindas roupas! Foi esta a impressão inicial.

Depois a visita de papai e mamãe, o que muito me confortou, matou as saudades, deu-me novas forcas, Pena eles terem ficado tão pouco tempo, só 3 dias.

Seguiu-se o encontro com diversos conhecidos. Chegada de Paulo, infelizmente muito triste. Finalmente a partida às 9 horas da noite de ontem em caminhões. Viajamos a noite e apesar das péssimas acomodações, conseguimos dormir um pouco. Passamos por Gramadinho e pela manhã chegamos a uma Capela das almas e seguimos viagem até uma serraria.

Daí prosseguimos marchando.

Fomos surpreendidos por disparos de artilharia inimiga em campo aberto. Ao chegarmos em um mato à margem de um riozinho ficamos parados. Ouvem-se disparos e rajadas ao longe. Boia nada.

Tivemos ordem de nos preparar para uma possível ofensiva nossa. Andamos boas distâncias a procura do inimigo, enquanto que a nossa artilharia atirava por cima, para o posto de comando inimigo.

Voltamos à noitinha sem nada haveremos feito. Dormimos atrás de um tronco de Pinheiro caído. Durante a noite toda, houve violentos tiroteios e constantes rajadas das metralhadoras nas trincheiras do 7.º Batalhão da Força Pública e nós procuramos dormir, mas era difícil.

Registro nº 48**11 de Setembro de 1932**

Para desfazer a má impressão causada ontem, em que o almoço só apareceu às 10 da noite, a "chepa" foi servida hoje 11 horas da manhã.

Estivemos conversando com o major Aristides e o aspirante Godim, os quais produziram ótima impressão por serem valentes e bons camaradas dos soldados.

Em seguida o meu grupo comandado pelo Jararaca, que esqueci-me de dizer é agora 3.º sargento, foi encarregado de guarnecer uma trincheira que domina dois picadas.

Já a temperatura mudou muito: hoje está fazendo um calor bem regular, o céu embaçado, mormaço.

Vagos tiroteios, mais ou menos distantes.

A noitinha ameaçou uma grande tempestade.

Trovões, relâmpagos fortíssimos, depois chuva. Com uma capa impermeável que papai mandou-me e um cobertor, arranjei tenda cobrindo a trincheira.

Não obstante alguma água sempre varou molhando bornais, pernas, etc., mas muitos dos meus colegas ficaram encharcados. Felizmente só 20 minutos ou 30 minutos depois, dormi bem esticado no fundo da trincheira.

Registro nº 49**12 de Setembro de 1932**

Hoje o dia está mais belo. Logo cedo passaram por cima de nossas cabeças, telas e mais telas assobiando. Não respondemos, o nosso posto é de vigilância e nós não vimos ninguém.

Depois o 75 deles começaram a atirar, a principio distante, foi se aproximando e chegou a disparar uns 8 ou 9 diretos à trincheira, que nos assustaram bastante, mas em seguida mudaram a alça e atiraram para longe.

Nós, nada de atirar, o que foi grandessíssimo, pois eles não conseguiram localizar a trincheira.

A de "coletes pretos" (aviões) tem sido diária sem conseguir localizar-nos. Quanto carrapato, nunca estive em lugar assim: pólvora, maiores, estrelas em abundância. É um tal de coçar o dia inteiro; o major, democrata como é, faz-nos companhia nesses trabalhos.

Sauvas, aranhas, moscas domésticas (nome maldado) encontram-se em abundância.

Nas trincheiras a gente fica num contato íntimo com a terra, por isso ficamos sujíssimos.

Terra nos cabelos, olhos, ouvidos, nariz (respira-se com dificuldade), pescoço, farda imunda, mãos nojentas e a água só para tiroteios violentos, metralha, bombardas.

Hoje os nossos colegas do 14 estiveram avançando, mas não tomaram posição; trouxeram um prisioneiro. A cavalaria nossa prendeu um major, dois soldados e um automóvel deles. Tiroteios.

Registro nº 50**13 de Setembro de 1932**

Sim senhores, estou um veterano de guerra. Calculem que hoje pelas 10 horas, travou-se sobre minha trincheira um duelo de canhões.

Mechas para cá, mechas para lá, algumas altas outras quase raspando a crista da trincheira e eu numa calma que me assombrou. Temendo um possível, mas pouco provável ataque da infantaria inimiga, fiquei várias vezes de pé sob violento canhoneio.

Metralhadoras, fuzilaria nas trincheiras vizinhas. Se por um lado estou me acostumando com balas e pólvora, por outro cada vez mais sinto falta no conforto, no bem estar.

É que já está fazendo calor e esse negócio de passar o dia todo em um buraco, ouvindo balas e granadas assobiarem por cima, cheio de carrapatos, sujo de terra, comendo essa papa horrível do rancho, ao vento, à chuva, ao sol, à poeira, estragando as mãos fazendo trincheiras, longas caminhadas subindo morro carregado de cartuchos, cobertores, lonas, roupas, alimentos, fuzil, capacete, etc., é insuportável.

E a gente se sacrificando tanto por quê? Para dar ao Brasil uma constituição? Merecem os brasileiros tanto? Eles nos vêm combatendo, nos matando: São estúpidos, não querem a lei, não querem a liberdade, preferem estar se arriscando para manter uma ditadura indigna, imunda, que é uma vergonha para o Brasil.

Os próprios paulistas não são merecedores do sacrifício que nós estamos fazendo.

É revoltante encontrar-se em uma cidade como Itapetininga tantos oficiais bem fardadinhos, bem escovados, comendo do bom e do melhor e copiando listas de soldados que se batem do "front", anotando quantas fardas chegaram de São Paulo, etc., e se dizem defensores da causa Paulista!

O serviço que eles fazem devia ser feitos por moças. E o M. M. D. C.?

Um escândalo. Tanta gente forte, bem vestida, fazendo serviço que é para escoteiros. Vivem numa abundância.

Tudo de bom que vem de São Paulo eles consomem. Fardas, comestíveis, agasalhos, tudo; enquanto que a gente nas trincheiras só tem arroz queimado e o feijão azedo do rancho; o mau e o pior são para os trouxas que estão defendendo de armas na mão a invasão inimiga.

Chega um rapaz do "front", sujo, suado, rasgado, precisando de farda, banho, etc. vai ao M. M. D. C. "só mais tarde, não são horas; não temos; só amanhã; sua farda ainda está boa, só está rasgada em 3 lugares" e eles numa elegância revoltante.

E diante disto pode haver patriotismo, idealismo, ou coisa que valha? Abandono o conforto de minha casa, o carinho dos meus, para vir defender uma causa que todos reconhecem como nobre e justa, e me vejo quase só, passando dias e dias nas trincheiras com um relativamente pequeno número de abnegados, sem ter quem venha nos render, como acontece em todas as guerras, só porque os demais homens válidos precisam servir aos milhares, no M. M. D. C. no Q. G. no correio militar?

Ora também se depois não fuzilarem um Getúlio Vargas, um João Alberto, um Távora, um Flores da Cunha, um Pedro Ernesto e Cia., será o cúmulo.

Não se deve ter compaixão com está gente. É fogo neles e acabou-se. Fui encarregado de servir como senti nela avançada. Sozinho no meio deste imenso campo. Além, para a esquerda, muito distante, azulada, transparente, a serra do mar.

Em frente fechadas florestas de pinheiro que naturalmente escondem o inimigo traiçoeiro; para a direita, sapé e samambaias a perder de vista.

O dia tornou-se suave, um vento fraco, uma leve neblina azulada, tudo tão lindo, tão calmo, um silêncio às vezes interrompido por rajadas de metralhadoras. Isto tudo me fez tão pessimista das horas quentes, passou por completo.

Agora me sinto orgulhoso de pertencer ao exército da lei e da liberdade, de defender a causa paulista e sinto verdadeira compaixão pelos infelizes que não têm coragem, ânimo, resistência para seguir para as trincheiras e se vêm obrigados a enganar-se a si próprios, dizendo servir a causa trabalhando no M. M. D. C.

Um viva a São Paulo! Votos para que o Brasil seja digno de possuir entre os seus Estados, um tão nobre, tão abnegado, tão forte, tão poderoso, como São Paulo!

Noitinha, ordem para abandonarmos a trincheira e reunirmo-nos ao resto do batalhão no flanco esquerdo.

Registro nº 51

14 de Setembro de 1932

Apesar de reunirmo-nos à 2.^a Companhia. Não nos reunimos ao 2.^o Pelotão. Ficamos com vários rapazes do 1.^o Pelotão em uma trincheira muito bem disfarçada na orla de um mato.

O dia está feio, ensinei Renato a jogar xadrez e com um jogo portátil vamos nos divertindo. Positivamente nunca eis de me acostumar com o rancho. O prato, dias e dias sem ser lavado, já dá péssima impressão.

A comida embora de campanha é boazinha, mas cru não a tolero. Como pouquíssimo, empurrando, contando as migalhas.

Oh! Meu bom Jesus, quando terminará está horrível revolução?

Tento em vão suportar com submissão e espírito de sacrifício os sofrimentos desta situação, mas na hora da boia eu me desespero, fico numa neurastenia horrível.

Francamente não sei como não emagreço.

Durante o dia todo e a noite, rajadas de metralhadoras.

Há muito tempo eu já devia ter feito um elogio de agradecimento ao Dr. Wladimir Amaral, médico do batalhão, o qual tem sido incansável.

Traz correspondência, presentes, "peixes", acompanha-nos nos combates, enfim é um homem completo.

Registro nº 52

15 de Setembro de 1932

Logo pela madrugada fomos, (o grupo comandado pelo Jararaca), acordados pois iríamos servir de ligação à 1.^a Companhia que iria levar a efeito um ataque às posições inimigas.

A 1.^a Companhia levava dois fuzis metralhadoras. Granadas de mão e fuzil e era comandada pelo tenente Garcia.

Logo depois da saída o nosso grupo, em vez de fazer ligação, foi mandado pelo Garcia para frente, para reconhecimento. Então íamos atacar na frente da turma.

Uma bombarda começou a atirar, mas de oito tiros inexplicavelmente só duas explodiram.

Fomos nos aproximando cautelosamente quando caiu uma fortíssima chuva.

Foi uma coisa horrível, várias vezes tive que deitar-me em poças d'água; rastejar na lama, mas o que é o entusiasmo, nem me incomodava com isso tudo, só queria saber de avançar, de tomar as posições deles. Antes de chegarmos ao ponto desejado, fomos atacados por violentíssimas descargas de metralhadoras, fuzis metralhadoras, fuzis.

Continuamos, entretanto, avançando enquanto a nossa metralhadora e os fuzis metralhadoras eram montados.

Passei muito tempo no meio de um mato sem poder me levantar tal era a quantidade de balas que passava por cima de mim.

Neste ponto o tiroteio atingiu uma impetuosidade nunca vista, nem mesmo em fitas de cinema. Um barulho ensurdecidor de metralhadoras, fuzis e das granadas de mão que os nossos lançavam.

Tive a impressão de ter ficado bem em frente a um cano de metralhadora, tal era o barulho.

Aparece o Dr. Marcelo com ordem de avançar mais, os nossos entram em um milharal seco e continuam a avançar.

As trincheiras inimigas perfeitamente localizadas a uns cem metros de distância; avanço está por pouco; qual não foi a nossa decepção ao nos vermos à margem de um brejo que nos separava dos inimigos!

Alguns tentaram atravessá-lo mais foi impossível. Recebemos ordem de voltar. Em represália atiramos contra eles todas às granadas de mão e fuzil que possuíamos.

Ao que parece uma das metralhadoras deles foi inutilizada. Agora estava explicado o fato de não explosão das bombardas.

As bombas caíam no charco e mergulhavam, não encontrando resistência. Só na volta percebi que continuava a chover.

Decididamente o nosso Batalhão é protegido por Deus. Tantas horas de fogo torradíssimo e nem um ferido.

Recebi uma carta de tia Xanduca, a qual me alegrou.

Resto de chá comum.

À tarde percebemos que os inimigos receberam grandes reforços, pois estão fazendo várias trincheiras em nossas fronteiras.

Registro nº 53

16 de Setembro de 1932

Buum! Chinaaaa! Bum. Vimmm! Ora bolas, canhões novamente.

A ditadura tem munição para gastar.

Cinco bocas, 2,105 e 3,75 mm a despejar mechas por cima da gente.

Mas aqui a nossa linha é muito mais extensa do que em Buri e raras são as trincheiras localizadas perfeitamente.

As bem localizadas recebem tiros diretos, mas a nossa só é visada pelos "shrapnels" que vêm explodir, ora na frente as vezes atrás, com o seu chuvaireiro de chumbo e aço.

Nós, como veteranos, percebemos logo que isso é o início de um ataque de infantaria. Preparamos, eles viriam retribuir a nossa visita de ontem.

Temos nas trincheiras fuzis, granadas de mão e fuzil, e um fuzil metralhadora Colt, tomado dos gaúchos em um dos combates.

Logo depois avistamos no morro fronteiro a infantaria que se aproximava e em seguida rompia fogo.

Assistimos neste instante a uma fita de guerra sincronizada.

Aviões, canhões, granadas, metralha, fuzilaria, homens correndo, deitando, atirando com a mesma intensidade de fita de cinema, um gasto enorme de munições e nós sem dar um tiro para evitar desperdícios.

Esperamos que eles se aproximem, enquanto que os valentes inimigos deitam-se a cada instante, para livrar-se das certas balas paulistas, estão bem mais perto, pararam os canhões, e nós começamos a fuzilaria sem grande intensidade.

Uma hora depois de iniciado o nosso fogo, o Colt enguiça.

Logo depois o inimigo desistiu de avançar e limitou-se a atirar de longe o resto do dia e com raros intervalos pela noite toda.

Quando escureceu os canhões começaram a roncar novamente.

Registro nº 54

17 de Setembro de 1932

o inimigo desistiu de avançar e limitou-se a atirar de longe o resto do dia e com poucos intervalos pela noite toda. Quando escureceu os canhões começaram a roubar novamente.

17-9-1932

NOTA da COMISSÃO EDITORIAL de 1932 DIÁRIO DE CAMPANHA (1960)

A última data deste Diário de Campanha, 17 de Julho de 1932, assinala o início de uma página que ficou em branco. Uma bala traiçoeira ceifou as 21 primaveras do jovem politécnico que apenas alçara o voo da sua vida acadêmica, cheio de esperanças, de ardor cívico e de amor pela terra em que nasceu. Clineu Braga Magalhães foi um autêntico herói de 32.



Foto 10. Integrantes do 2º Pelotão do Batalhão 14 de Julho. Clineu está ajoelhado à direita (vide traço colorido). Foto tirada em 24 de Julho de 1932 no Quartel General do Exército Constitucionalista do Setor Sul, atual Escola Estadual Peixoto Gomide, em Itapetininga/SP

Fonte: Acervo Paulo Sérgio Santanna/Ricardo Della Rosa



PRO BRASÍLIA FIANT EXIMIA
Sustentai o fogo que a Vitória é nossa!

NOTA da COMISSÃO EDITORIAL de 1932 DIÁRIO DE CAMPANHA (2016)

Reiterando o conceito exarado pela Comissão Editorial de 1932 Diário de Campanha na sua edição de 1960, **CLINEU BRAGA DE MAGALHÃES** é efetivamente um autêntico herói de 32, cuja memória e feitos no campo de combate e fora deste permanecem vivos nas pessoas de seus familiares e crescente número de admiradores que teve antes e depois de sua morte. As esperanças, ardor cívico e amor pela terra paulista que nasceu e defendeu com o sacrifício da própria vida jamais arrefeceram por se encontrarem gravadas nessas páginas que desde 22 de agosto de 2016, data de seu 105º natalício, têm rompido com as limitações físicas da publicação impressa que tiveram em 1960 e atingiram o universo da rede mundial de computadores ao serem digitalizadas, revistas e ampliadas sob o título *1932 Diário de Campanha: Edição Digital Rememorativa do Movimento Constitucionalista de São Paulo* para serem de acesso gratuito e difusão irrestrita a todos que almejam conhecer o maior movimento cívico do Estado de São Paulo, a Revolução Constitucionalista de 1932, no testemunho daqueles que como o idealista Clineu tombaram de armas nas mãos como recurso último em defesa da Constituição, da Liberdade e da Democracia.

E para colaborar com semelhante propósito,

.: 1932 Diário de Campanha .:

do Movimento Constitucionalista de São Paulo



Diário de Campanha
Versão Original
(1932)

Diário de Campanha
Edição Digital
(2019)

de autoria de
Clineu Braga de Magalhães
Voluntário Cabo do Batalhão 14 de Julho



Homenagem à
Dr. Clineu de Mello Almada
(1933-2009)

Imagem. Portal 1932 Diário de Campanha

o **Portal 1932 Diário de Campanha**, com acesso a ambos os diários de 1932 e de 2016, encontra-se no ciberespaço em <https://tinyurl.com/358f38xu>.

EXÉRCITO CONSTITUCIONALISTA DO SETOR SUL

Quartel General em Itapetininga/SP (1932)

BATALHÃO 14 DE JULHO

Efetivo: 638 integrantes

Período de Comando

Comandante

14 de Julho a 16 de Julho de 1932	Major FPESP ² MÁRIO RANGEL
16 de Julho a 1º de Agosto de 1932	Major FPESP JOSÉ GARCIA
1º de Agosto a 14 de Agosto de 1932	Capitão FPESP CANDIDO BRAVO
14 de Agosto a 02 de Setembro de 1932	Major FPESP HELIODORO TENÓRIO R. MARQUES
02 de Setembro a 04 de Outubro de 1932	Major EB ³ ARISTIDES LEITE PENTEADO

Capitães

02 voluntários

MIGUEL COUTINHO

URBANO JOÃO DE AGUIAR

1.º Tenentes

06 voluntários

ÁLVARO PAULA CAMPOS
CARLOS DE ARRUDA BOTELHO
FRANCISCO ROMEIRO SOBRINHO

HENRIQUE FAGUNDES NETO
MARCELLO LACERDA SOARES
WLADIMIR AMARAL (Médico)

2.º Tenentes

27 voluntários

AFFONSO CIPULLO NETO
ALFREDO COLOMBO
ÁLVARO DA SILVA GORDO
ÂNGELO BERNADELLI
ANTÔNIO DOURADO
ATALIBA DUARTE
BENTO LACERDA DE OLIVEIRA
COLOMBO ALMEIDA
ERNESTO W. E. IMBERG
FLÁVIO DE ARAÚJO
FRANCISCO QUARTIER
GENTIL FERRAZ
GURMECINDO MARIANO
JAYME BARROSO

JOÃO TIBIRIÇÁ
JOÃO URBANO DE AGUIAR
JORGE ASSUMPÇÃO
JOSÉ A. DE TOLEDO FILHO
JOSÉ MARIA DE AZEVEDO
JOSÉ WHATELY
LUIZ TOLEDO
MILTON BRESSANE
MILTON PINTO COELHO
NAPOLEÃO JOSÉ LEITE
NAUL ROCHA FIUZA
ORLANO SIQUEIRA TIANI
RUY MENDES DE OLIVEIRA

Assistência Religiosa

02 voluntários

Padre FRANCISCO NINO PASSOS

Cônego ALBERTO BACELE

² Força Pública do Estado de São Paulo (atual Polícia Militar do Estado de São Paulo – PMESP).

³ Exército Brasileiro.

Sargentos, Cabos e Soldados

600 voluntários

A. AROUCHE TOLEDO
A. DE BARROS MOTTA
ACÁCIO FERNANDO
ADALBERTO GARCIA FILHO
ADAUCTO MARTINEZ
ADHEMAR MARTINEZ
ADHEMAR RIBEIRO
ADOLPHO MELLO JÚNIOR
AFFONSO CELSO GARCIA SOBRINHO
AGNALDO AUGUSTO PINTO
AGOSTINHO OLIVEIRA
AJASCIO MAIA COUTINHO
ALBERTO ARANTES
ALBERTO GUIMARÃES
ALBERTO PORTUGAL GOMES
ALBERTO ROSSI
ALBERTO SILVA AZEVEDO
ALCESTE SCHROECKER
ALCEU NASCIMENTO
ALCYR CÉSAR DO NASCIMENTO
ALCIDES DUARTE GOMES SILVA
ALDO DE AGUIAR
ALDO CÁSSIO V. FERNANDES
ALDO HERNANDEZ
ALDO LODI
ALEXANDRE BARBOUX
ALEXANDRE J. MIRANDA
ALFREDO LAZARESCHI
ALFREDO MONTEIRO DA SILVA
ALFREDO PACHECO JÚNIOR
ALÍPIO CHAVES NUNES
ALMIRO ESTEVES
ALONSO FERREIRA DE CAMARGO
ALUÍZIO R. MENDONÇA
ÁLVARO ARMBRUST
ÁLVARO RUDGE
ALVINAR CASTRO COTTI
ANANIAS RIBERO
ANDRÉ SANTOS
ÂNGELO MATHEUS
ÂNGELO ROSSI
ANSELMO RORELLI
ANTENOR FRANCISCO
ANTÔNIO ALGODOAL SAMPAIO
ANTÔNIO DE ALMEIDA FILHO
ANTÔNIO AZEVEDO
ANTÔNIO C. CASTRO
ANTÔNIO DE CAMARGO
ANTÔNIO CARDONA
ANTÔNIO CARDOSO DE ALMEIDA
JORGE TIBIRIÇA
JOSÉ ALOIZIO B. DA FONSECA
JOSÉ DE ALMEIDA CAMARGO
JOSÉ ALTEN FELDER JÚNIOR
JOSÉ ALBIN
JOSÉ ANTÔNIO CANUTO
JOSÉ ANTÔNIO CARUSO
JOSÉ ANTÔNIO MATTOS
JOSÉ ARMANDO TELLES
JOSÉ DE ASSIS PACHECO
JOSÉ BARBOSA PASSOS
JOSÉ BARCELLOS
JOSÉ BARROS AMARAL
JOSÉ BARROS DE CAMARGO
JOSÉ BENEDICTO DOS SANTOS
JOSÉ BENTO PEREIRA DE SOUZA
JOSÉ BONIFÁCIO C. SAMPAIO
JOSÉ BORGES VIEIRA
JOSÉ CARLOS AUGUSTO AMARAL
JOSÉ CARVALHO
JOSÉ DE CASTILHO
JOSÉ CHRISTINO DE MELLO
JOSÉ COLLAÇO DE CARVALHO VERAS
JOSÉ COSTA PINTO
JOSÉ DAVID FONSECA
JOSÉ DAVID JORGE
JOSÉ DOURADO
JOSÉ DIAS SILVEIRA
JOSÉ EDUARDO DE OLIVEIRA BARROS
JOSÉ EUGÊNIO REZENDO
JOSÉ F. SANTOS
JOSÉ FERNANDES MORENO
JOSÉ FERRAZ
JOSÉ FLEURY SILVEIRA
JOSÉ GARCIA BARBOSA
JOSÉ GODOY
JOSÉ GUILHERME WHITAKER
JOSÉ IGNÁCIO LOBO
JOSÉ JERONYMO VASCONCELOS
JOSÉ JUNQUEIRA FRANCO
JOSÉ LEMOS FREITAS
JOSÉ LORIGGIO
JOSÉ M. B. MELLO
JOSÉ MARIO REIS
JOSÉ MATHEUS
JOSÉ MENDONÇA BARROS
JOSÉ MENDES
JOSÉ DE MORAES
JOSÉ MOYSES DEAB
JOSÉ NASCIMENTO

ANTÔNIO CARLOS CAMPOS SALLES
 ANTÔNIO CARLOS CRESPO DE CASTRO
 ANTÔNIO CARVALHO
 ANTÔNIO ELEUTÉRIO
 ANTÔNIO GHIRLANDO
 ANTÔNIO GONÇALVES
 ANTÔNIO LAFALDE
 ANTÔNIO LUCIANO NETO
 ANTÔNIO LUTÉRIO
 ANTÔNIO M. DE OLIVEIRA
 ANTÔNIO MENDONÇA BARROS
 ANTÔNIO MERCADO JÚNIOR
 ANTÔNIO SALLES
 ANTÔNIO SILVEIRA MACHADO
 ANTÔNIO VAMPRE
 ANAUAR CURI
 AQUINO RODRIGUES
 ARALDO PENNA RAMOS
 ARGEMIRO ALVES SILVESTRE
 ARISTEU MARCONDES MOURA
 ARMANDO MENDONÇA
 ARMANDO NOSCHESI
 ARMANDO PEREIRA
 ARMANDO RIOS
 ARMANDO ZENESSE
 ARNALDO AZEVEDO SILVA
 ARNALDO OCTÁVIO NEBIAS
 ARNALDO PEDROSO
 ARNALDO SERRONI
 ARNALDO ZENESI
 ARTHUR GRECCO
 ARI CARNEIRO FERNANES
 ARY N. CASTRO
 ATALIBA DE SOUZA PINTO
 ATUGASMIN MÉDICI FILHO
 AUGUSTO DE SOUZA QUEIROZ
 AURELIANO CÉSAR DO NASCIMENTO
 AURÉLIO ESTIEVAM
 AUREO DE ALMEIDA CAMARGO
 AULUS PLAUTUS COELHO PEREIRA
 AZOR MONTENEGRO

BATHOLOMEU BUENO DE MIRANDA
 BENEDICTO DE ALMEIDA SANTOS
 BENEDICTO CORREA SAMPAIO
 BENEDICTO MARCONES
 BENEDICTO U. ALVARENGA
 BENJAMIN SOARES
 BENTO J. CARVALHO JÚNIOR
 BENTO LUIZ DE Q. TELLES
 BERNARDO F. VIANNA
 BERNARDO MEYER JÚNIOR
 BIANOR JOSÉ CAMPOS

JOSÉ NORBERTO FONSECA JUNIOR
 JOSÉ PAIVA DUTRA
 JOSÉ PAULA MACHADO
 JOSÉ E PAULA CRUZ
 JOSÉ PENTEADO SALLES
 JOSÉ PESTANA FILHO
 JOSÉ PIMENTEL PINTO
 JOSÉ PIRAJA
 JOSÉ RIBEIRO MIRANDA
 JOSÉ RIOS CASTRO
 JOSÉ RODRIGUES ARRUDA
 JOSÉ RODRIGUES SILVA
 JOSÉ SOUZA PIRAJÁ
 JOSÉ TAVARES LIBANIO
 JOSÉ THOMAZ SAYÃO
 JOSÉ VIRGÍLIO RAMOS
 JOSÉ VITA JÚNIOR
 JÚLIO BONFIN PONTES
 JÚLIO PRADO LACRETA
 JÚLIO SANTORO
 JUSTINO FREITAS JÚNIOR
 JUVÊNCIO BERNARDELLI

L. PIRES FERRAS
 LAURINDO MINHOTO JÚNIOR
 LAURO BEZERRA
 LAURO AMARAL CAMPOS
 LAURO CERQUEIRA CÉSAR
 LAURO BARROS PENTEADO
 LICIO MARCONDES AMARAL
 LINCOLN LONER
 LIVIO COSTA ANDRADE
 LUCIANO NOGUEIRA FILHO
 LÚCIO CASANOVA
 LUIZ ÁVILA MACEDO
 LUIZ DE CAMPOS
 LUIZ CARLO B. JUNIOR
 LUIZ DIAS DA SILVA
 LUIZ E. BARRETO
 LUIZ E. RIBEIRO MENDONÇA
 LUIZ FERREIRA GOES
 LUIZ FONTES ROMEIRO
 LUIZ FRANCO E ABREU
 LUIZ LEITE
 LUIZ DE LORENZI
 LUIZ MORATO PROENÇA
 LUIZ NOGUEIRA FILHO
 LUIZ PRESTES CÉSAR
 LUIZ R. MENDONÇA
 LUIZ SALES
 LUIZ SODRÉ
 LUIZ DE SOUZA

BRUNO MELLO TEIXEIRA
 C. RIOS DE CASTRO
 CAIO DE ALMEIDA
 CAIO CARNEIRO
 CAIO RIBEIRO DE MORAES E SILVA
 CÂNDIDO PAES DE BARROS
 CARLOS ADHEMAR DE CAMPOS
 CARLOS DE ARAÚJO
 CARLOS AUGUSTO DE SOUZA JORDÃO
 CARLOS DE CAMPOS PAGLIUCHI
 CARLOS CAMARGO
 CARLOS EDUARDO DE CAMPOS
 CARLOS LARA CAMPOS
 CARLOS ROMEO
 CARLOS VIRGÍLIO SAVOY
 CAROLINO A. AMARAL
 CAMILLO QUEIROZ MORAES
 CASIMIRO P. NETO
 CASSIANO MARCONDES RANGEL
 CÁSSIO BORGES
 CÁSSIO M. C. PENTEADO
 CÁSSIO PAES DE BARROS
 CÁSSIO RIBEIRO DA SILVA
 CAYRÚ TEIXEIRA
 CELSO BRANDÃO
 CELSO FIGUEIREDO
 CELSO M. SALLES
 CELSO DE MORAES ALVES LIMA
 CELSO PAGLIUCA
 CÉSAR PENNA RAMOS
 CÍCERO JUNQUEIRA
 CID PINTO
 CESAR CLAUDINO AMARAL
 CLEOFANO LOPES OLIVEIRA
CLINEU BRAGA DE MAGALHÃES
 CLÓVIS DE AZEVEDO
 CURT WILDE
 CYRO PASSOS
 CYRO SAVOY
 CYRO RIBEIRO MARX
 CYRO DE SOUZA E SILVA

DAGOBERTO SALLES FILHO
 DALSTEN EPIGHAUS
 DARCY RIBAS
 DARIO DI NAPOLI
 DÉCIO FLEXA
 DÉCIO SILVA
 DELPHINO DE ULHOA CINTRA
 DEODORO LOPES DIAS RABELLO
 DJALMA FORJAZ JUNIOR
 DJALMA P. CAMARGO BITTENCOURT
 DJALMA W. LIMA

MANOEL BRANDÃO
 MANOEL CASTRO MONTEIRO NEVES
 MANOEL COSTA LEITE
 MANOEL DIAS TOLEDO
 MANOEL GANDARA MENDES
 MANOEL GUIMARÃES DIAS
 MANOEL JOSÉ M. BARROS NETO
 MANOEL MAURÍCIO CORREA
 MANOEL OCTÁVIO CARDOSO
 MANOEL P. LIMAS
 MARCELLO RIBEIRO DOS SANTOS
 MARCIO F. A. LIMA
 MÁRIO ANGELO CAPOCHI
 MÁRIO CARNEIRO CUNHA
 MÁRIO CINTRA LEITE
 MÁRIO FARIA JORDÃO
 MÁRIO GOULART
 MÁRIO JUNQUEIRA
 MÁRIO LIMA
 MÁRIO MESSIAS
 MÁRIO PORTO
 MÁRIO VASALO
 MÁRIO VALGEKI
 MÁRIO VIEIRA DA CUNHA
 MATHEUS CONSCIENTINO
 MAURÍCIO DO AMARAL
 MAURO AGUIAR
 MAURO TOLEZO PIZA
 MAXIMO PUGLISI
 MILTON GRELET
 MILTON LODI
 MILTON LOURENÇO OLIVEIRA
 MILTON NORONHA
 MILTON QUEIROZ MORAES
 MILTON SOARES CAMPOS
 MIRKO RODRIGUES
 MIRO LEONEL MOYSES SILVA
 MUCIO CAMPOS MAIA

NAUL N. NOGUEIRA
 NELSON BARBOSA
 NELSON OSÓRIO FRANCO
 NELSON PLANET
 NELSON SILVEIRA
 NELSON TOLEDO FILHO
 NELSON URIOSTE
 NEWTON FERRAZ
 NILO PORTO
 NOEMIO DE OLIVEIRA COSTA

O. LUIZ PEREIRA
 OCTACILIO BANDEIRA
 OCTACILIO COSTA MAIA

DOMINGOS BOCUTI
DURVAL CARVALHO
DURVAL PREITAS ROCHA
DURVALINO VIEIRA

EDER ACORSI
EDGARD ALENCAR MARQUES
EDGARD ROSO
EDMUNDO MENDONÇA
EDMUNDO NAVAJAS
EDUARDO MESQUITA SAMPAIO
EDUARDO PACE
EDUARDO QUEIROZ TELLES
EDUARDO SOUZA QUEIROZ
ÉLCIO PIMENTEL DE MELLO
EMILE ZOLA P. MENDES
EMILIANO BRITO
EMILIANO DE TOLEDO SOARES
EMÍLIO LAMBERTI
EPAMINONDAS VALLE
ERNANI COELHO
ERNANI LACERDA DE OLIVEIRA
ERNESTO PUJOL FILHO
ESMERALDO A. DE SOUZA
ESTANISLAU BIONDI
ESTAFANO BARBATO
ESTEVALDO MARTINEZ
EUCLYDES FERREIRA
EULÁLIO BARRTEO
EURICO DE OLIVEIRA MAIA
EVARISTO TEIXEIRA PINTO
EVERALDO R. MELLO

FÁBIO OLIVEIRA BARROS
FABRÍCIO VAMPRE
FARID CHED
FAUSTO CHAVES
FAUSTO R. BARROS
FAUSTO TOLEDO
FELICIANO CORREA
FELÍCIO CINTRA DO PRADO
FELIPE ACHE JÚNIOR
FELIPE NETO
FERNANDO ARRUDA
FERNANDO PENTEADO MÉDICI
FERNANDO MESQUITA SAMPAIO
FLÁVIO BITTENCOURT
FLÁVIO MARGARIDO DA SILVA
FORTUNATO MAZZA
FORTUNATO TONELI
FRANCISCO LACAZ NETO
FRANCISCO ARANTES
FRANCISCO ARISTODEMO

OCTÁVIO ALBUQUERQUE
OCTÁVIO ANTENOR
OCTÁVIO CAMARGO LIMA
OCTÁVIO JUNQUEIRA NETO
OCTÁVIO QUEIROZ MATOSO
OCTÁVIO S. PORTO
OCTÁVIO SEPPI
ODAIR LOBO
ODILON SILVEIRA
ODORINO MENIN
OLAVO LEONEL DE BARROS
OLAVO PINTO MORAES
OLAVO ROLIM THURY
OLEGÁRIO FERNANES DE SOUZA
OLEGÁRIO SANTOS
OMAR SAMPAIO DORIA
OMAR V. DE CAMARGO BITTENCOURT
ORESTES A. GUIMARÃES
ORESTES MORAES ALVES FILHO
ORESTES PIZA TOLEDO SILVA
ORLANDO SANTORO
ORLANDO SANTOS
ORLANO W. LONGO
OSCAR PEREIRA ARAUJO
OSCAR SIQUEIRA
OSCAR THOMPSON FILHO
OSIAS SAMPAIO
OSNY SILVEIRA
OSORIO ELENO
OSWALDO BENEDICTO DA CONCEIÇÃO
OSWALDO CAMARGO LIMA
OSWALDO GODOY
OSWALDO JOSÉ DE OLIVEIRA
OSWALDO MARRONE
OSWALDO MORA DE FREITAS
OSWALDO NUNES
OSWALDO PIRES DA MOTA
OSWALDO RODRIGUES
OSWALDO UNTI

PAULO DE ARAÚJO
PAULO AUGUSTO AMARAL
PAULO BASTOS CRUZ
PAULO BIFANO ALVES
PAULO DE CAMPOS
PAULO CERQUEIRA
PAULO FREDERICO HUMMELL
PAULO FREIRE DE M. BARRETO
PAULO GORDO
PAULO J. MACHADO
PAULO MATTOS
PAULO MESQUITA
PAULO MUNIZ CAMPELLO

FRANCISCO CARLOS DOS SANTOS
FRANCISCO COSTA
FRANCISCO DIAS CÉSAR
FRANCISCO EMIGDIO P. NETO
FRANCISCO GIMENEZ
FRANCISCO JOSÉ DA NOVA
FRANCISCO JÚLIO SALGADO
FRANCISCO DAS NEVES
FRANCISCO DE PAULA M. DE CAMPOS
FRANCISCO PILAR MATTOS
FRANCISCO PUJOL
FRANCISCO QUIRINO DOS SANTOS
FRANCISCO R. OLIVEIRA
FRANCISCO R. ROSAS
FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA
FRANCISCO DOS SANTOS NETO
FRANCISCO SERRONI
FRANCISCO T. MACHADO
FRANCISCO VASCONCELLOS
FRANCISCO XIMENES
FRANKLIN PIZA JÚNIOR
FREDERICO ELIAS OLSTEL

GERALDO MENDONÇA BASTOS
GERALDO SIQUEIRA
GILBERTO NOGUEIRA
GIORDANO BANZATTO
GUILHERME AMARAL LYRA
GUILHERME CAVALCANTI
GURMECINDO CINTRA
GURMECINDO PONTES ALVES

HELI FRANCH
HENRIQUE BASTOS FILHO
HENRIQUE FAGUNDES JÚNIOR
HENRIQUE OLAVO COSTA
HENRIQUE PAMPLONA M. FILHO
HERMES O. CÉSAR
HOMERO SOUZA NERY
HONÓRIO P. LEITE
HONÓRIO PIRES DE OLIVEIRA
HORÁCIO PAULA LEITE
HUGO JOÃO SOLLER
HUGO MALHEIROS
HUGO STERMAN

IBRAHIM NASCIMENTO
ISMAEL CAMPOS NAVARRO
ISMAEL COUTO CAYUBI
ISRAEL CAMPOS NAVARRO
IVANCO GUIMARÃES
IVENS VIEIRA

PAULO PIZA DE SOUZA
PAULO TOLEDO
PAULO VAMPRÉ
PAULO VIEIRA
PAULO VIDIGAL VICENTE DE AZEVEDO
PAULO W. DULLEY
PAULUS AULUS POMPEIA
PEDRO ELIAS ROQUIELLI
PEDRO PAULO CORREA
PERGENTINO GOMES
PERSIO CARRILHO
PHILOMENO COSTA
PLÍNO BARRETO
PLÍNIO LACERDA DE OLIVEIRA
PLÍNIO RAMOS
PLÍNIO RIBEIRO DA SILVA
PRUDENTE CLAUZET

RAPHAEL GIORGI
RAPHAEL RIBEIRO DA SILVA
RAUL ALVIM
RAUL BOLIGER
RAUL REBOUÇAS SOARES
RAUL SOARES DE MELLO
RENATO PRADO
RENATO RIOS CASTRO
RENATO SOARES DE TOLEDO
RENATO TAGLIANETTI
RENATO TOLEDO
RENÉ MENDES DE OLIVEIRA
RICARDO M. GONÇALVES
RICARDO MARGHERITA
RICARDO DE SOUZA FILHO
RINO ANTONIO CERA
ROBERTO BOVE
ROBERTO DI LORENZI
RODOLPHO VALGEKI
ROGERIO TOLEDO
ROLAND VON OHEL MARTIN
ROMEO AZEVEDO OLIVEIRA
ROMEO BONINA
ROQUE S. FERRARI
RUBENS F. TOLEDO ARRUMA
RUBENS MORAES ALVES DE LIMA
RUY ARMANDO
RUY BARBOSA DE ALMEIDA
RUY FERREIRA DA ROCHA
RUY FONSECA
RUY DE LIMA CASTRO

SALIM HELOU
SALVADOR CAMARGO
SALVADOR DA SILVA

J. A. JESUÍNO DOS SANTOS
 J. ALVES ALMEIDA FEO
 J. PENNA MALTA
 J. S. FERRARI
 JADER ALVES LIMA
 JANUÁRIO DEL MONACO
 JANUÁRIO MOZZA
 JAYME LOUREIRO FILHO
 JAYRO LOUREIRO
 JOÃO A. OLIVEIRA NETO
 JOÃO ALBUQUERQUE CARVALHO
 JOÃO ALMEIDA PRADO
 JOÃO ANTUNES DE OLIVEIRA
 JOÃO B. M. TOLOSA
 JOÃO BAPTISTA FLEURY
 JOÃO BAPTISTA LEITE
 JOÃO E. TTHAYDE MARCONDES
 JOÃO GARCIA
 JOÃO GONÇALVES BICUDO
 JOÃO GUZZO FILHO
 JOÃO JOSÉ MOREIRA
 JOÃO JUNQUEIRA FRANCO
 JOÃO LAGO
 JOÃO LUSO FILHO
 JOÃO MONTEIRO
 JOÃO OCTÁVIO NEBIAS
 JOÃO PASSOS MAIA
 JOÃO PEDRO GONÇALVES SILVA
 JOÃO PENIDO SALLES
 JOÃO ROMÃO DA SILVA
 JOÃO RUY CANTEIRO
 JOÃO VELLOSO ANDRADE
 JOAQUIM BARBOSA SANTOS
 JOAQUIM MIRANDA
 JOAQUIM MORA DE FREITAS
 JOAQUIM OCTÁVIO NEBIAS
 JOAQUIM WALTER DOS SANTOS
 JORDÃO PRESTES DE FREITAS
 JORGE ALAYON
 JORGE CINTRA
 JORGE COURY
 JORGE F. TOLEDO
 JORGE FONSECA JUNIOR
 JORGE HERMANN
 JORGE JUNQUEIRA PENTEADO
 JORGE LIMA DE MORAES
 JORGE MELLO

SEBASTIÃO BARROS MARTINS
 SEBASTIÃO CRUVINEL
 SEBASTIÃO FLEURY SILVEIRA
 SEBASTIÃO FLORIDO
 SEBASTIÃO JOSÉ OS PASSOS
 SEBASTIÃO PORTUGAL GOUVEA
 SENESIO CERRONE
 SERAFIM LEONE
 SERVOLO POMPEO TOLEO
 SÍLVIO BECKER
 SÍLVIO DIAS REBELO
 SÍLVIO M. CAMARGO
 SÍLVIO PASSOS MAIA
 SÍLVIO PEDROSA
 SÍLVIO RAMOS MAIA
 SIMÃO DE OLIVEIRA LIMA
 SINESIO DE OLIVEIRA

TACITO DE SOUZA
 THEOPHILO DE ALMEIDA SÁ
 THOMAZ A. WHATELY
 THOMAZ NUNES DA FONSECA
 UBALDO COSTA LEITE
 UBIRAJARA P. FERREIRA
 ULPIANO PINTO DE SOUZA
 ULYSSES PAES DE BARROS
 VICENTE CAMARGO MARQUES
 VICENTE CERQUEIRA CESAR
 VICENTE GRECCO
 VICENTE M. FREITAS NETO
 VICENTE MOURA
 VICENTE DE OLIVEIRA
 VICENTE TOLENTINO
 VICTOR DIAS SILVEIRA
 VICTORINO GONÇALVES
 VICTORINO VENTURI

WALDEMAR FERRAZ
 WALDEMAR GERALDINI
 WALDEMAR MARCONDES SALGADO
 WALDOMIRO ALAMBERT
 WALDOMIRO FONSECA
 WALDOMIRO LOPES
 WALTER MERIGO
 WALTER PENTEADO LORENZ

YELMO RIBEIRO DOS SANTOS



Referências de 1932 Diário de Campanha

Edição Digital Rememorativa do Movimento Constitucionalista de São Paulo

- ALFIERI, F. J. C. *De Itararé às Margens do Paranapanema*. São Paulo, 1935.
- AMORIM, A. S. *Santistas nas Barrancas do Paranapanema*. Santos: Imp. Santista, 1932.
- ASSIS, D. C. *Vitória ou Derrota?* memórias da campanha contra São Paulo, no setor Sul, em 1932. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1936.
- BIAJONE, J., CAMPOS, D., MELLO, A.F.O., NOGUEIRA, E.J.V. *Itapetininga: Heróis, Feitos e Instituições*. Gráfica Regional. Itapetininga, 2012.
- CAMARGO, A. A. *A Epopeia: o batalhão 14 de Julho*. São Paulo: Saraiva, 1933.
- GONÇALVES, C. *Carne para Canhão!* o front em 1932. Rio de Janeiro. 1933.
- KARAM, E. *Um Paranaense nas Trincheiras da Lei: subsídios para a história da revolução paulista*. A Cruzada, 1933. Acesso em: <https://tinyurl.com/bdd57unx>.
- MONTEIRO, M. M. *1932 São Paulo: a Máquina de Guerra*. Redação Final, 2004.
- PACHECO, J. de A. *Revivendo 32...: exumação de um diário de guerra*. São Paulo, 1954. Acesso em: <https://tinyurl.com/2ndwe7kb>.
- PORTAL 1932 DIÁRIO DE CAMPANHA. Em: <https://tinyurl.com/pdujmczv>.
- PORTAL PARA SEMPRE CRUZES PAULISTAS. Em: <https://tinyurl.com/4xvsj7xd>.
- PORTAL TREM BLINDADO. Em: <https://tinyurl.com/yh7uwy6m>.
- QUEIROZ, A. S. *Batalhão 14 de Julho*. São Paulo. 1982.
- TABORDA, B. *Alguns Episódios da Revolução Constitucionalista de São Paulo em uma carta aberta*. Rio de Janeiro. 1970.





1932